



**DEZ ANOS do
GRUPO PET**

CIÊNCIAS SOCIAIS

ORGANIZAÇÃO
FÁTIMA CABRAL

Unesp
Marília
Publicações

**DEZ ANOS DO GRUPO PET
CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Marília
2003**

Programa Especial de Treinamento – PET

**DEZ ANOS DO GRUPO PET/CIÊNCIAS SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA**

Organizadora:
Fátima Cabral
Tutora do Grupo PET/Ciências Sociais

**Marília
2003**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

Copyright © 2003 Fátima Cabral

REITOR: JOSÉ CARLOS SOUZA TRINDADE
VICE-REITOR: PAULO CÉSAR RAZUK
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: WILSON GALHEGO GARCIA

DIRETOR DA FFC: KESTER CARRARA
VICE-DIRETOR: TULLO VIGEVANI

COMISSÃO PERMANENTE

DE PUBLICAÇÃO: Maria do Rosário Longo Mortatti (Presidente)
Adrian Oscar Dongo Montoya
Alexandre Bergamo Idargo
Carlos Eduardo de Oliveira
Eduardo Ismael Murguia
Francisco Luiz Corsi
Lourenço Chacon Jurado Filho
Maria Cândida Soares Del Masso
Neusa Maria Dal Ri

ASSESSORIA TÉCNICA: Maria Luzinete Euclides (Bibliotecária)

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

E ARTE FINAL: Edevaldo Donizeti dos Santos

PRODUÇÃO GRÁFICA: Gláucio Rogério de Moraes
Rogério Aparecido Alves

CAPA: EDEVALDO D. SANTOS & GLÁUCIO ROGÉRIO DE MORAIS

© 2003 Unesp-Marília-Publicações
Av. Hygino Muzzi Filho, 737
CEP 17525-900 - Marília - SP
Tel. (014) 3402-1395
e-mail: publica@marilia.unesp.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. É VEDADA, NOS TERMOS DA LEI, A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA SEM A EXPRESSA AUTORIZAÇÃO DOS EDITORES.

Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências. Programa Especial de Treinamento - PET.
U58d Dez anos do Grupo PET / Ciências Sociais - Campus de Marília / organização de Fátima Cabral. - Marília : Unesp- Marília-Publicações. - Marília, 2003.
106f. ; 21 cm.

ISBN: 85-86738-24-7

DOI: <https://doi.org/10.36311/2003.85-86738-24-7>

1. Sociologia - Universidade. 2. Grupo PET. 3. Programa Especial de Treinamento. I. Cabral, Fátima, org. II. Autor. III. Título.

CDD 302.3

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	i
BREVE HISTÓRICO	iii
RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	1
INFORMAÇÕES SOBRE EX-BOLSISTAS	21
PRODUÇÃO CIENTÍFICA	27
A PARTICULARIDADE DO CAPITALISMO BRASILEIRO E OS IMPASSES DA QUESTÃO NACIONAL SEGUNDO NELSON WERNECK SODRÉ E CAIO PRADO JÚNIOR (1964 A 1968)	
<i>Ricardo Rodrigues Alves de Lima</i>	29
A MÚSICA DOS UNIVERSITÁRIOS HOJE: O CONSUMO MUSICAL DOS ALUNOS DA FFC - UNESP - CÂMPUS DE MARÍLIA	
<i>Mariângela Ribeiro Almeida</i>	43
SOBRE A MULTIPLICIDADE ROMÂNTICA	
<i>Alexandro Henrique Paixão</i>	59
DAS ALDEIAS PARA AS CIDADES: O CASO DOS TERENA	
<i>Graziella Reis de Sant'ana</i>	71
OS PERCALÇOS NO DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE ALGUNS CONCEITOS DE NORBERTT ELIAS	
<i>Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho;</i> <i>Paulo Moraes Taffarello;</i> <i>Jair Romão da Motta Júnior;</i> <i>Mariana Garcia Granado Ferreira</i>	91

APRESENTAÇÃO

Desde que assumi a Pró-Reitoria de Graduação, PROGRAD, empreendi diversas iniciativas em defesa do Programa PET. Foram audiências públicas, reuniões de tutores, idas para Brasília, conversas com autoridades da educação e, principalmente, gestões diretas para liberação de recursos. É claro que esta é uma obrigação gratificante, portanto, realizá-la acarreta em prazeroso ganho. No entanto, melhor seria que muitas delas fossem deixadas de lado para que somente o de melhor proveito tomasse lugar. Agora é um desses momentos que vale a pena: apresentar uma publicação de um Grupo PET. O material a seguir é a prova concreta de que mesmo as instabilidades e dificuldades não podem impedir que jovens dedicados deixem de ir adiante em busca do conhecimento e da participação na sociedade. Serão aqui apresentados relatos sobre experiências e reflexões que mostram uma vontade de contribuir e criar. É a energia do saber associada a vontade de ir adiante. Todos devemos, sempre, ter tal exemplo como incentivo. Não só congratulo os autores, mas, principalmente, os agradeço.

WILSON GALHEGO GARCIA

Pró-Reitor de Graduação

BREVE HISTÓRICO

O PET - Programa Especial de Treinamento - foi implantado em 1979, em diversas universidades brasileiras, com o desafio especial de fomentar a qualificação do aluno de graduação e de provocar significativo impacto sobre o curso ao qual o grupo está vinculado. Nesses 22 anos de existência, já é possível perceber seu efeito. A dedicação integral ao curso e ao programa tem possibilitado aos alunos e professores diretamente envolvidos uma ampla vivência acadêmica, com repercussão altamente positiva na comunidade local, ao provocar um aumento significativo no número de atividades extracurriculares e o envolvimento dinâmico e interdisciplinar do corpo docente e discente da Unidade. Por meio dos trabalhos de extensão e de formação continuada, as atividades dos atuais 314 grupos PET existentes beneficiam diretamente 3.600 alunos e mais de 300 mil pessoas com projetos ligados à agricultura, à saúde, à alfabetização de adultos, às comunidades prisionais, às comunidades indígenas, entre outros tantos projetos de responsabilidade social, sempre sob dedicação sistemática do tutor que orienta as atividades de maneira a proporcionar ao aluno uma formação acadêmica ampla, que valorize o trabalho em grupo e a interação sistemática dos bolsistas com o curso e com a sociedade.

A concepção filosófica, os objetivos e as características gerais do Programa foram definidas e divulgadas no *Manual de Orientações Básicas PET*, e readequadas em 1995, pela Divisão de Programas Especiais da CAPES, órgão encarregado de

fomentar a formação de profissionais de nível superior, dotados de elevados padrões científicos, técnicos e éticos, nas diversas áreas do conhecimento, que sejam capazes de uma atuação no sentido da transformação da realidade nacional, em especial como docentes e pesquisadores pós-graduados em suas áreas profissionais. (Orientações Básicas PET/DPE/1995, p.1)

Ao propiciar uma formação de excelente nível, o Programa busca promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional, capacitando o aluno bolsista para atuar como agente multiplicador de novas idéias, práticas e experiências pedagógicas, primeiramente no âmbito do curso, ajudando na construção do debate em sala de aula, e também no seu exercício profissional fora da IES (Instituição de Ensino Superior) que implementa o programa.

Neste sentido, o papel do tutor é decisivo para a consolidação e o bom desenvolvimento das atividades do Grupo, e de sua inserção na graduação. Para tanto, exige-se do tutor a titulação mínima de doutor, uma vida acadêmica destacada, ampla visão do curso de graduação e experiência na orientação de alunos nos diversos níveis. Exige-se, ainda, que o professor assuma compromisso de permanecer no mínimo três anos como tutor; sua tarefa é estimular a aprendizagem ativa dos bolsistas, devendo orientar suas escolhas em direção a uma atuação segura, relevante, crítica, de elevado padrão científico, técnico e ético, de modo a capacitá-los para uma atuação social transformadora. O que diferencia a relação tutorial da orientação de pesquisa individual é exatamente o caráter coletivo e interdisciplinar do Programa, que exige do aluno uma vivência mais abrangente, por meio de ações coletivas com o grupo e tutor, seja no âmbito das atividades de ensino, como na realização da pesquisa e da extensão. Além dessa imersão no coletivo, o bolsista PET deve, necessariamente, dedicar-se ao aprendizado de pelo menos uma língua estrangeira, fazer cursos de informática, de redação e outros, com o intuito de melhorar seu nível cultural.

Para integrar o PET os alunos passam por um rigoroso processo de seleção, que consta de três etapas distintas: avaliação do *currículo* e do histórico escolar *sujo* do candidato; elaboração de uma prova escrita e entrevista. Podem se candidatar os alunos que cursam o terceiro

semestre da graduação, e que tenham até 22 anos de idade. Estes devem demonstrar bom rendimento escolar nas disciplinas cursadas, não podem apresentar reprovação no histórico escolar, e devem ter expectativa de permanecer no Programa até a conclusão do curso de graduação, além de comprometerem-se a dedicar, no mínimo, 12 horas semanais às atividades coletivamente programadas. A Banca Examinadora é composta pelo tutor, pelo colaborador direto, e por mais um docente convidado, além de dois alunos bolsistas mais experientes.

Com todo esse rigor, o Programa Especial de Treinamento teve sua excelência nacionalmente reconhecida pela CAPES que, desde a implantação em 1979, e até 1999, financiou as bolsas dos alunos - doze por grupo - e as dos tutores, além de oferecer verba para pagamento de taxas acadêmicas, o que possibilitava a presença de professores conferencistas, viagens culturais, participação em congressos e similares. Desde então, a responsabilidade do financiamento foi transferida para a SESu - Secretaria de Ensino Superior, ligada e controlada pelo Ministério da Educação e Cultura. Com essa mudança, o Programa viu-se ameaçado de perder a qualidade e de estreitar seu alcance, colocando em risco a continuidade dos projetos que vinham sendo desenvolvidos ao longo desses 22 anos de existência dos Grupos PET. As verbas destinadas ao pagamento dos bolsistas em 2000 foram liberadas em duas etapas apenas: uma em julho de 2000, e outra em janeiro de 2001, dificultando o trabalho dos alunos, a aquisição de material de pesquisa e a participação em eventos culturais. Já as verbas destinadas às taxas acadêmicas, bem como ao pagamento dos tutores, estão suspensas desde o final de 1999, numa tentativa obstinada de enfraquecimento do Programa, à revelia de todas as avaliações positivas recebidas das Reitorias, da CAPES e do próprio MEC em diversas oportunidades. A verba para pagamento das bolsas dos alunos no ano de 2001, além de sofrer corte significativo, só

foi liberada em fins de setembro do mesmo ano, embora já aprovada no ano anterior pelo Congresso Nacional e acordado pelo Ofício 13300/SESu/MEC e Informação n.007/2000 SESu/MEC.

O descaso com o financiamento dos Programas PET não parou por aí. No mês de julho/2001, pela Ação n. 758, datada de 24/07/01, o presidente Fernando Henrique Cardoso vetou a verba destinada às atividades dos grupos para o ano de 2002; verba já aprovada, por unanimidade, pela Comissão Mista do Congresso Nacional, bem como pela Sessão Conjunta das Casas Legislativas. A aprovação da emenda que garantia verba específica para o PET em 2002, defendida em mais de 70 discursos favoráveis à manutenção e ampliação do Programa, foi alcançada em 2001, de forma unânime e suprapartidária, numa manifestação de claro reconhecimento, no Congresso Nacional, e mesmo por representantes governamentais como o Sr. Luiz Curi, diretor de Políticas Educacionais do MEC, da excelência das atividades desenvolvidas pelos diferentes grupos, que há 22 anos atuam em âmbito nacional, influenciando positivamente tanto na qualidade do ensino superior quanto na vida dos estudantes e professores diretamente envolvidos.

A indefinição a respeito do futuro do programa vem afetando diretamente os grupos, levando diversos alunos a migrarem para projetos de iniciação científica, diante da possibilidade de não receberem mais a bolsa e do risco de enfraquecimento do Programa. Ao mesmo tempo, porém, esse momento de crise levou também a uma grande mobilização nacional dos grupos PET, em particular na UNESP, o que contribuiu não apenas para ajudar a reverter os cortes anunciados, mas também para criar um vínculo ainda mais forte dos grupos com o conjunto da comunidade acadêmica. Diversas atividades e audiências públicas, em São Paulo e em Brasília, reuniram os grupos PET de diversos Estados; encontros nacionais e regionais como o ENAPET - Encontro Nacional do PET - e SUDESTE PET - Encontro dos

Grupos PET do Sudeste - transformaram-se em fóruns privilegiados da luta em defesa dos Grupos PET, numa demonstração clara de resistência ao sucateamento do ensino público e de qualidade no país, e na defesa intransigente da utilização do dinheiro público em projetos de reconhecido valor social, projetos esses, diga-se, que têm levado o nome de nossas Universidades além de suas próprias fronteiras. Uma Comissão Nacional em Defesa do PET foi formada para mediar os interesses acadêmicos dos diversos grupos junto às instâncias de poder em Brasília, e tem-se utilizado a Internet como instrumento facilitador de mobilização, de informação e de troca entre os grupos mais distantes, através da Lista PET-br. Desta forma, não obstante todas as adversidades ainda não superadas, os grupos PET conseguiram manter suas atividades, um exemplo claro de compromisso social, de seriedade acadêmica e de maturação política.

A UNESP é a Universidade que reúne o maior número de Grupos PET. São 29 ao todo. No Câmpus de Marília existem dois grupos: um no Curso de Ciências Sociais, que atua desde 1991, e outro no curso de Biblioteconomia, em atuação desde 1995. São esses dez anos de grupo PET de Ciências Sociais, em Marília, que esta publicação pretende homenagear, recuperando um pouco sua história, além de divulgar alguns textos, fruto do trabalho desenvolvido pelos bolsistas que mais recentemente atuaram no Grupo, em que pese toda dificuldade dos últimos anos.

O início do PET/CS, em Marília, ocorreu nos anos 90, por ocasião da reformulação do Curso de Ciências Sociais. À época, a professora Maria Valéria Veríssimo era coordenadora do Conselho de Curso e o professor Cândido Giraldez Vieitez chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia. No bojo da discussão optou-se por um curso de Ciências Sociais integral, com bolsa de estudos, para que fosse possível a constituição de um grupo com forte formação intelectual. Seria facultativo, inclusive, a transferência de

alunos do noturno que demonstrassem forte propensão ao trabalho acadêmico. Encaminhada à Pró-reitoria de Graduação, na época sob a orientação do Professor Doutor Antonio César Perri de Carvalho, essa proposta não foi aprovada, pois era muito diferente em relação aos outros cursos de graduação em Ciências Humanas. Foi então sugerido que se buscasse uma fonte externa de financiamento, e por coincidência, o Programa PET da CAPES, depois de cinco anos sem aceitar novos grupos, voltava a fazer a chamada para a formação de grupos. A proposta era muito boa, mas o tempo era exíguo; a professora Neusa Gusmão, da área de Antropologia, assumiu a tarefa de enviar o projeto à CAPES, porém, o preenchimento dos formulários exigia um certo conhecimento da estrutura e funcionamento do curso, o que a fez desistir da tarefa. Coube à professora Valéria Veríssimo e ao Prof. Dr. Cândido Giraldez Vieitez a elaboração da proposta, que foi posteriormente aprovada.

Com a aprovação do Programa, em outubro de 1991, o Grupo PET/CS da Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, iniciou suas atividades em dezembro do mesmo ano, realizando um rigoroso processo de seleção de bolsistas, sob a tutoria do Prof. Dr. Cândido Giraldez Vieitez, então chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia.

De início, o PET não se configurou como um grupo irradiador, como se pretendia, mas no geral proporcionou atividades bastante construtivas. O trabalho inicial contou com a colaboração das professoras Ethel Kosminsky, Teresinha D'Aquino e Valéria Veríssimo; todos tentavam, com acertos e erros, colocar em prática a proposta aprovada. As instruções da CAPES eram pouco claras, de modo que se procurou aprofundar as leituras básicas do curso. Depois da primeira avaliação é que o enfoque mudou, dando-se ênfase a outros aspectos do curso.

De acordo com o Professor Cândido - que atuou como tutor até julho/1993

as avaliações dos grupos eram sempre criteriosas, e os problemas encaminhados com firmeza mas também de um modo cordato, ou seja, sempre por meio do diálogo com os grupos implicados e seus tutores, buscando-se soluções mais do que punições ou impedimentos. No entanto, a avaliação era real e, em várias oportunidades, grupos que haviam recebido críticas e sugestões melhoraram muito a sua performance, ainda que um ou outro tenha sido excluído do programa. Sempre se considerou essa experiência pedagogicamente muito rica. Ao mesmo tempo, um programa com um certo viés elitista. A CAPES, por seu lado, parecia ter nessa época uma posição elitista mesmo, colocando exigências que pareciam muitas vezes excessivamente rigorosas e pouco democráticas. Posteriormente, esse viés foi corrigido. Os tutores não deixavam também de fazer a ressalva ao caráter restrito do PET, mas apesar disso julgava-se que o programa era positivo, uma experiência pedagógica rica que poderia contribuir para originar outros métodos de trabalho. Ficou claro que o trabalho fora da sala de aula, assistido adequadamente por professores, era realmente produtivo”(informação verbal).

Até março de 1992, apenas os quatro primeiros alunos selecionados atuaram no Grupo, procurando conhecer a filosofia do PET e encontrar um caminho próprio, envolvendo-se ou articulando atividades acadêmicas e de extensão. Em março de 1992, após outro processo de seleção, o grupo aumentou para oito o número de bolsistas; as atividades também cresceram, tanto em quantidade como em qualidade, na medida em que os alunos foram incorporando o espírito do PET, isto é, capacidade de realizar trabalho em grupo, interdisciplinar, e conduta acadêmica exemplar.

A partir de agosto de 1993, assumiu a tutoria a Professora Doutora Maria Izabel Leme Faleiros, também do DSA. É quando o PET/CS assume mais claramente uma linha de estudo definida, voltada para problemas e autores

brasileiros, sem deixar de lado os clássicos das Ciências Sociais. O enfoque sobre o Brasil não foi uma escolha aleatória: sentia-se, então, a ausência de estudos sobre a formação do pensamento brasileiro na grade curricular e nas ementas dos programas. Por outro lado, já é tradição na FFC de Marília a realização das Jornadas de Estudos sobre um pensador brasileiro,¹ assim, o enfoque sobre Pensamento Social no Brasil só veio reforçar o que alguns chamam *vocação* da UNESP de Marília.

Na oportunidade, os grupos já estavam bem consolidados, com 12 bolsistas atuando de maneira ininterrupta, o que provocava grandes repercussões aos demais alunos do câmpus, atraindo-os para as atividades programadas. A intensidade das atividades e a diversidade de autores estudados no âmbito do PET/CS nesse período poderão ser conferidas mais à frente, oportunidade em que também se relata a participação dos alunos em diversos eventos científicos para divulgar suas pesquisas, fruto dessa experiência coletiva, mas também de intenso trabalho e dedicação individual ao grupo e ao curso, o que mostra que *o PET/CS de Marília sempre atuou - e vem atuando - orientado por um objetivo essencial: formar pesquisadores com rigorosa capacidade e autonomia intelectual.*

A professora Maria Izabel esteve à frente do PET até dezembro de 1996. Em janeiro de 1997, assumiu a tutoria o Professor Doutor Marcos César Alvarez, do DSA, que a partir do segundo semestre estabeleceu um novo eixo temático, mas sem romper totalmente com o que vinha sendo trabalhado nos anos anteriores. Enquanto os trabalhos da antiga tutora se voltavam para os clássicos e para as contribuições teóricas produzidas por brasileiros a respeito

¹ Já foram realizadas Jornadas de Estudos sobre Vida e Obra dos seguintes pensadores: Florestan Fernandes (1986), Caio Prado Jr. (1988), Antônio Cândido (1990), Octávio Ianni (1992), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1994), Leandro Konder (1998) e Gilberto Freyre (2000). A VIII Jornada de Ciências Sociais, em 2002, irá dedicar-se ao estudo e ao debate da obra de Nelson Werneck Sodré.

da constituição da sociedade brasileira, o professor Marcos Alvarez voltou-se para temas da atualidade. Assim, o novo eixo temático principal passou a se intitular *O papel do cientista social numa sociedade em transformação*. Esse eixo principal comportava quatro subeixos, a saber:

- 1) estudo das principais transformações sociais, políticas e culturais da contemporaneidade (globalização, cidadania, crise do *Welfare State*, etc.);
- 2) estudo das especificidades da sociedade brasileira diante desse conjunto de transformações. Como complemento a este subeixo, discutiu-se o modo como o pensamento social e político no Brasil refletiu no passado e continua a refletir na atualidade sobre as especificidades da sociedade brasileira;
- 3) estudo dos clássicos das Ciências Sociais, do ponto de vista de sua atualidade;
- 4) estudo e discussão da formação acadêmica e profissional dos cientistas sociais no país, com o intuito de vislumbrar potencialidades e limites do mercado de trabalho para o cientista social no Brasil.

Para colaborar diretamente nessas atividades, o Grupo PET/CS passou a contar com outros docentes do curso de Ciências Sociais. A professora Maria Orlanda Pinassi, do DSA atuou sistematicamente com o grupo oferecendo cursos e orientações até o ano de 1999, e o professor Marcos Tadeu Del Roio, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas, atuou como colaborador direto, participando de diversas atividades e cursos, assim como o professor Sebastião Jorge Chammé. No ano 2000 assumiu, como colaboradora direta, a professora Fátima Cabral (DSA). Foram períodos de intenso movimento e de trabalho do PET na Unidade, porém, já no ano de 1999, começaram os problemas institucionais que abalaram, mas não destruíram, o ritmo e a dinâmica do grupo. Evidentemente, esse problema foi e vem

sendo enfrentado com muita luta e resistência por todos os Grupos PET no país.

Em Marília, os dois grupos existentes receberam apoio tanto dos departamentos e cursos aos quais se vinculam, como também da Congregação da Unidade. O conjunto dos alunos da graduação foi e vem sendo igualmente informado das dificuldades que ameaçam o PET e, apesar das incertezas que cercam o programa, em todos os processos de seleção, desde então, nos deparamos com número significativo de alunos interessados em integrar o Grupo PET/CS. Para nós, isso é um sinal evidente de que a qualidade das atividades realizadas pelos Grupos PET da FFC são fortemente valorizadas por nossos alunos, que ainda arriscam e apostam nesse espaço de discussão e formação intelectual como um lugar privilegiado na Universidade.

Todas as mobilizações feitas no Câmpus, e também em nível nacional, constituíram-se numa experiência política importante para o conjunto dos bolsistas, o que permitiu que mesmo a crise se transformasse em um momento de aprendizado e amadurecimento para o grupo.

Em janeiro de 2001 o Grupo PET/CS tinha nova tutora. A Profa. Dra. Fátima Cabral, que havia atuado no grupo como colaboradora direta durante o ano de 2000, assumiu a tutoria do grupo, em meio ao desânimo geral: novas ameaças de suspensão do programa, além da confirmação das suspensões já em efeito, ou seja, das taxas acadêmicas e da bolsa do tutor. Com apoio dos Departamentos do Curso de Ciências Sociais e da Unidade, de um modo geral, buscou-se um envolvimento mais declarado da Reitoria da Unesp, através do novo Pró-Reitor de Graduação, Prof. Dr. Wilson Galhego Garcia. Desde então, o próprio Pró-Reitor, ou seu assessor, Prof. Dr. Álvaro Martim Guedes, tem comparecido em diversas reuniões, inclusive com parlamentares, numa clara demonstração de interesse e defesa da continuidade do Programa em nível nacional.

No âmbito da UNESP, a PROGRAD tem realizado reuniões bimestrais com os tutores, no intuito de garantir a continuidade e a qualidade do programa.

Com a confirmação de que não ocorreriam mais os cortes anunciados, o grupo retomou as atividades programadas para 2001. Deve-se ressaltar, no entanto, que o atraso sistemático no pagamento das bolsas dos alunos, mais a manutenção dos cortes no que diz respeito ao repasse das taxas acadêmicas, além da bolsa do tutor, se não impediu o desenvolvimento da maior parte das atividades planejadas pelo grupo dificultou, em vários momentos, a realização dessas atividades.

Apesar de todas essas adversidades procurou-se não alterar, substancialmente, a dinâmica desenvolvida pelo tutor anterior - não só como uma maneira de não deixar o grupo entregue ao desânimo, mas dando exemplo do nosso comprometimento para com a qualidade do ensino. Todavia, em função do perfil da nova tutora e do colaborador direto, Professor. Eli Pimenta, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas, alterou-se o eixo principal de discussão, que passou a girar em torno d'*O papel do intelectual na produção de conhecimentos relativos à complexidade do mundo contemporâneo*, tema esse composto pelos seguintes subeixos:

- 1) *Revisitando os Clássicos - atualidade e eficácia dos principais paradigmas explicativos das Ciências Sociais*, que já se tornou uma linha de estudos e de debates permanente;
- 2) *A cultura e o modo de produção capitalista em seu momento financeiro*. O objetivo aqui é entender, na contemporaneidade, o fenômeno da fragmentação e do conformismo exacerbado, o que implica estabelecer uma discussão crítica acerca das relações entre capitalismo e cultura, estética e ideologia, reificação e totalidade concreta, modernidade e pós-modernidade, etc.

- 3) *Ambientalismo e Ciências Sociais* - por considerarmos que os cursos de Ciências Sociais não têm dedicado uma atenção merecida ao tema. Sob pena de comprometer a própria reprodução da vida, as discussões em torno da luta ecológica voltam-se, hoje, para a exigência radical de ações que orientem e reorganizem a sociedade contemporânea;
- 4) *Literatura e Sociedade* - com o objetivo ampliar a formação cultural de nossos alunos. A discussão a respeito da essência e do valor estético de obras literárias, bem como da influência por elas exercida, constitui o núcleo central deste subeixo temático.

Nesses dez anos de trabalho ininterrupto, os tutores investiram na aprendizagem ativa dos alunos bolsistas através de uma série de atividades programadas, visando não apenas complementar e diversificar o conhecimento acadêmico mas, fundamentalmente, aprofundar os conteúdos programáticos que integram a grade curricular da graduação na FFC/M. A implementação do Programa PET nesta Unidade foi particularmente significativa, dada a ausência, na época, de uma política de iniciação científica na graduação; a experiência com os Grupos PET, indiscutivelmente, ajudou a mudar essa realidade. Atualmente o Câmpus de Marília conta com 41 Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq),² 45 Bolsas de Extensão, 34 Bolsas FAPESP, 19 Bolsas CNPq-Projeto Integrado, 9 Bolsas de Monitoria, 6 Bolsas de Informática e 90 Bolsas de Apoio ao Estudante (PAE).

O resultado do trabalho do PET/CS pode ser conferido através dos relatórios anuais - que até 1999 eram avaliados pela CAPES -, e particularmente pelo número de alunos que se envolveram mais ativamente em pesquisas,

² É possível acompanhar as variações na solicitação de Bolsas PIBIC/CNPq nos últimos anos: 53 em 1994; 84 em 1995; 34 em 1996; 48 em 1997; 45 em 1998; 31 em 1999; 48 em 2000 e 62 em 2001. O curso de Ciências Sociais e de Pedagogia são os que mais concorrem à bolsas de Iniciação Científica na Unidade.

ingressando nos mais conceituados cursos de pós-graduação do País. Também se constatou, em todos esses anos, um profícuo amadurecimento intelectual dos bolsistas, manifesto em comportamentos e intervenções em sala de aula, nos grupos de pesquisa, na organização e participação em congressos e similares, quando demonstravam uma independência cada vez maior em relação às suas necessidades de aprendizagem.

Assim, mesmo com todas as dificuldades surgidas no final de 1998, e que se configuraram a partir de 1999 - dificuldades essas que fugiram totalmente ao controle dos grupos -, o PET/CS/Marília, como em anos anteriores, continua realizando um conjunto amplo e diversificado de atividades que envolvem não apenas os bolsistas e os professores diretamente ligados ao grupo, mas um número cada vez mais significativo de alunos da graduação e mesmo da pós-graduação, além de contar com a colaboração de diversos professores do curso de Ciências Sociais e, em particular, do curso de Filosofia da Unidade. Além das reuniões semanais para discussão de textos acadêmicos, periodicamente são realizadas reuniões administrativas para avaliação dos trabalhos, organização de eventos, planejamento e relatórios das atividades.

Este Caderno é um exemplo concreto do compromisso acadêmico e da maturidade alcançada durante esses dez anos de experiência conjunta no PET de Ciências Sociais em Marília, experiência que ora passamos a relatar.

Antes, porém, registre-se uma nota especial de reconhecimento aos tutores anteriores e aos colaboradores pelo profícuo trabalho realizado, o que garantiu a consolidação desse grupo com uma qualidade peculiar ao longo desses dez anos. Em particular, agradeço aos professores Maria Izabel Leme Faleiros, Cândido Vieitez e Valéria Barbosa, pela colaboração na recuperação desta história, e aos alunos bolsistas que durante o ano 2001

trabalharam na compilação dos dados aqui apresentados. São eles: Alexandro Henrique Paixão, Heline Elias de Castro, Patrícia Eugênia Rosa Castro, Graziella Reis de Sant'Ana, Jefferson Rodrigues Barbosa, Jair Romão da Motta Jr., Paulo Moraes Taffarello, Alexander Maximilian Hulsebeck Filho, Fernando Bracher Beilke, Kleber Rodrigues Bianchi e Mariana Garcia Granado Ferreira.

Chamo ainda a atenção do leitor para os textos que fazem parte deste Caderno. Trata-se de pequenos ensaios sobre pesquisas desenvolvidas por alguns bolsistas; pretende-se, com isso, não apenas divulgar essas pesquisas, mas oferecer aos leitores uma amostra da qualidade intelectual de nossos bolsistas - resultados concretos, que se juntam ao trabalho de outros grupos PET na UNESP e no país, como prova cabal da importância do Programa, e da necessidade imperiosa de sua continuidade e expansão, seja no âmbito da UNESP, seja em âmbito nacional.

FÁTIMA CABRAL

TUTORA PET/CS - TRIÊNIO 2001/2003

PS: Este material já estava em vias de publicação, no final de setembro de 2002, quando perdemos, tragicamente, a amiga, aluna e bolsista (depois voluntária) junto ao PET, Mariana Garcia Granado Ferreira. Seu desaparecimento nos causa um profundo pesar e deixa um pouco mais pobre nossas relações e atividades. A ela fica dedicada esta edição, que ajudou a organizar, inclusive contribuindo com um texto - de caráter coletivo - que vem no final do caderno.

TAMBÉM A ELA, QUE AMAVA A POESIA, NOSSA HOMENAGEM ATRAVÉS DE UM
POEMA DE DRUMMOND:

VERBOS

SOFRER É OUTRO NOME
DO ATO DE VIVER.
NÃO HÁ LITERATURA
QUE DOME A ONÇA ESCURA.

AMAR, NOME-PROGRAMA
DE MUITO PROCURAR.
MAS QUEM AFIRMA QUE EU
SEI O REFLEXO MEU?

RIR, ASTÚCIA DO ROSTO
NA AMEAÇA DE SENTIR.
JAMAIS SE SOUBE AO CERTO
O QUE OCULTA UM DESERTO.

ESQUECER, OUTRO NOME
DO OFÍCIO DE PERDER.
UMA INÚTIL LANTERNA
JAZ EM CADA CAVERNA.

VERBOS OUTROS IMPERAM
EM MOMENTOS ACERBOS.
MAS PARA QUE NOMEÁ-LOS,
IMPERFEITOS GARGALOS?
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *FAREWELL*, 1996.

RESUMO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
NESSES 10 ANOS DO GRUPO PET
DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Implantação do PET: aprovação do Programa em 07 de outubro de 1991, conforme Of. DPE/PET nº 653.

Aprovação dos alunos bolsistas em 27 de dezembro, conforme of. DPE/PET nº 922

Departamento: Sociologia e Antropologia

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS – PERÍODO: DEZEMBRO/1991 A FEVEREIRO/1992:

- Josiane Magalhães
- Abílio Batista Lopes Filho
- Ricardo Constante Martins
- Márcia Maria Boschi

TUTOR: PROF. DR. CÂNDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS:

- Treinamento no uso de microcomputador;
- Participação no Seminário Preparatório do Fórum de Desenvolvimento Regional, sob o tema Região de Marília: uma questão de desenvolvimento, promovido pelo Governo do Estado e outras Instituições. Fórum realizado em 14/02/92;
- Elaboração do projeto relativo ao Simpósio de Ciências Humanas da Região.

Eixo temático principal: *Clássicos das Ciências Sociais*

Autores estudados em seminários semanais:

- Karl Marx
- Émile Durkheim
- Max Weber

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: MARÇO/1992 A AGOSTO/1992:

- Eliane Tiekó Toyama Custório
- Marcelo Sampaio da Silva
- Gisele de Oliveira Zanini
- Silvia Helena Biatto
- Josiane Magalhães

- Abílio Batista Lopes Filho
- Ricardo Constante Martins
- Márcia Maria Boschi

TUTOR: PROF. DR. CÂNDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS:

- Curso de 30 horas sobre *Coleta e Organização de Documentos*, ministrado por professor do curso de Biblioteconomia da Unidade;
- Participação no XI ENECS - Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais;
- Organização do Simpósio de Ciências Humanas da Região de Marília, realizando amplo levantamento bibliográfico nas bibliotecas da cidade de Marília e Região. Foram levantadas 159 obras entre livros, monografias, teses e artigos, com o intuito de conhecer as condições sociais, políticas e econômicas emergentes na região.

Eixo temático principal: *Clássicos das Ciências Sociais*

Autores estudados em seminários semanais:

- Karl Marx
- Émile Durkheim
- Max Weber

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: SETEMBRO/1992 A JANEIRO/1993

- Josiane Magalhães
- Abílio Batista Lopes Filho
- Ricardo Constante Martins
- Márcia Maria Bosch
- Eliane Tiekoyama Custódio
- Marcelo Sampaio da Silva
- Gisele de Oliveira Zanini
- Sílvia Helena Biatto

TUTOR: PROF. DR. CÂNDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Organização e acerto dos últimos detalhes do I Simpósio Regional de Cultura e Ciências Humanas, realizado em novembro de 1992;
- Participação na IV Jornada de Ciências Sociais *Jornada de Estudos Octávio Ianni*, concluindo os trabalhos com a redação de um catálogo bibliográfico do Simpósio no qual consta: a citação bibliográfica, o local onde a obra se encontra e um pequeno verbete indicando seu conteúdo;
- Organização do debate em torno das questões relacionadas ao presidencialismo e parlamentarismo no Brasil - *Formas e Regime de Governo*.

Eixo temático principal: *Sociologia Brasileira*

Autor estudado em seminários semanais:

- Octávio Ianni

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: FEVEREIRO A JULHO/1993

- Josiane Magalhães
- Abílio Batista Lopes Filho
- Ricardo Constante Martins
- Márcia Maria Bosch
- Eliane Tiekoyama Custódio
- Marcelo Sampaio da Silva
- Gisele de Oliveira Zanini
- Silvia Helena Biatto
- Sandro dos Santos
- Rosimar Querino
- Alexandra Pontieri
- Hiranclair Rosa Gonçalves

TUTOR: PROF. DR. CÂNDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Com o objetivo de discutir as transformações ocorridas na sociedade capitalista a partir da década de 1970, foram privilegiados os temas *O fim da URSS e a crise do*

Socialismo; III Revolução Industrial e Globalização. Os encontros contaram com a participação do Prof. Antônio Carlos Mazzeo e do Prof. Tullio Vigevani como debatedores convidados;

- Participação no Seminário Internacional *Liberalismo e Socialismo - Velhos e Novos Paradigmas* (de 13 a 15/04).

Eixo temático principal: *Liberalismo e socialismo*

Autores estudados em seminários semanais: prejudicado

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: AGOSTO/1993 A JANEIRO/1994

- Josiane Magalhães
- Abílio Batista Lopes Filho
- Ricardo Constante Martins
- Márcia Maria Bosch
- Eliane Tieko Toyama Custódio
- Marcelo Sampaio da Silva
- Gisele de Oliveira Zanini
- Sílvia Helena Biatto
- Sandro dos Santos
- Rosimar Alves Querino
- Alexandra Pontieri
- Hiranclair Rosa Gonçalves

TUTORA: PROFA. DRA. MARIA IZABEL LEME FALEIROS

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Participação no VII Congresso Estadual dos Sociólogos. Tema: *Novas e velhas crises: desafios das ciências sociais*, na UNICAMP;
- Participação no V Congresso de Iniciação Científica da UNESP;
- Participação no I Encontro Regional dos Estudantes de Ciências Sociais - *As ciências sociais no Brasil Contemporâneo*;
- Participação na XXXIV Semana da Faculdade.

Eixo temático principal: *Clássicos das Ciências Sociais*

Autor estudado em seminários semanais:

- Émile Durkheim

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: MARÇO/1994 A JUNHO/1995

- Sandro dos Santos
- Rosimar Querino
- Alexandra Pontieri
- Hiranclair Rosa Gonçalves
- Alziro da Silva Júnior
- Gilson Marcos da Silva
- Luciana Cristina C. de Moraes
- Renné Martins
- Claudete Gomes Soares
- Marcelo Francisco de Alemida
- Rodrigo Barbosa Ribeiro

TUTORA: PROFA. DRA. MARIA IZABEL LEME FALEIROS

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Organização da *Retrospectiva fotográfica e histórica: Marília no início da década de 50*
- (mostra com cerca de 50 fotografias sobre a agricultura, indústria, comércio, bancos e outros aspectos da cidade de Marília);
- Participação na V Jornada de Ciências Sociais *Jornada de Estudos Maria Isaura Pereira de Queiroz*;
- Participação no I Encontro PET/CAPES/UNESP, na CESP de Ibitinga;
- Participação na XVIII Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas *Marxismo Ocidental*;
- Participação na I Jornada de Iniciação Científica do Câmpus de Marília;
- Participação no VI Congresso de Iniciação Científica da UNESP;
- Participação no I Simpósio Científico do Câmpus de Marília;

- Participação no 44º Congresso da UNESP, na UnB/Brasília.

Eixo temático principal: *Clássicos das Ciências Sociais e Pensamento Social no Brasil*

Autores estudados em seminários semanais:

- Émile Durkheim
- Max Weber
- Karl Marx
- F. Engels
- Fernando Henrique Cardoso
- Maria Sílvia de Carvalho Franco

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JULHO/1995 A DEZEMBRO/1995

- Sandro dos Santos
- Rosimar Querino
- Alexandra Pontieri
- Hiranclair Rosa Gonçalves
- Alziro da Silva Júnior
- Gilson Marcos da Silva
- Luciana Cristina C. de Moraes
- Renné Martins
- Claudete Gomes Soares
- Érica de Cássia Fonseca
- Marcelo Francisco de Alemida
- Rodrigo Barbosa Ribeiro

TUTORA: PROFA. DRA. MARIA IZABEL LEME FALEIROS

PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PERÍODO:

- Organização de Exposição sobre Moradia Estudantil: Privilégio ou Direito?
- Organização de Exposição para o *Venha nos Conhecer*, destinado aos alunos do segundo grau;
- Participação com apresentação de trabalhos na II Jornada de Iniciação Científica da SBPC;

- Participação no II Seminário Internacional de Política. *Globalização, Regionalização e Nacionalismo*;
- Participação no VIII Congresso Estadual dos Sociólogos - *Globalização, Neoliberalismo e Questão Social*;
- Participação com apresentação de trabalhos, na II Jornada de Iniciação Científica de Marília e no VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP;
- Participação no ENECS (Encontro Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais)
- Universidade Federal do Ceará;
- Participação com ouvintes na palestra proferida pelo Prof. Pierre Leveque, Antropólogo francês, em 07/95.

Eixo temático principal: *Pensamento Social no Brasil*

Autores estudados em seminários semanais:

- Sérgio Buarque de Holanda
- Caio Prado Júnior
- Antônio Cândido
- Octávio Ianni
- Ricardo Antunes

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO/1996

- Alziro da Silva Júnior
- Gilson Marcos da Silva
- Luciana Cristina C. de Moraes
- Rennê Martins
- Claudete Gomes Soares
- Marcelo Francisco de Almeida
- Rodrigo Barbosa Ribeiro
- Felipe Teixeira Martins
- Marizi Aya Miyabara
- Míriam Rodrigues
- Ricardo R. Alves de Lima
- Vinícius Oliveira de Camargo

TUTORA: PROFA. DRA. MARIA ISABEL LEME FALEIROS

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Participação na Exposição e Debate com a Profa. Gláucia Villas Boas da UFRJ e Coordenadora do Laboratório de Pesquisa no curso de Ciências Sociais: *Criação do laboratório de pesquisa multidisciplinar para alunos de graduação e Nem cardeal, nem samurai: sobre a lógica do currículo de Ciências Sociais*;
- Organização de painéis com resumos dos trabalhos de Iniciação Científica dos alunos dos diferentes cursos da Unidade, incluindo as monografias desenvolvidas pelos bolsistas PET;
- Participação no II Encontro PET/CAPES-UNESP em Águas de Lindóia;
- Participação na XLVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, quando também se realizou o I Encontro Nacional PET/CAPES, na PUC-SP;
- Participação no II Encontro PET/CAPES-UNESP, em Águas de Lindóia;
- Participação com apresentação de trabalhos na III Jornada de Iniciação Científica do Câmpus de Marília e no VIII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, no Câmpus de Guaratinguetá;
- Participação com apresentação de trabalho, no XXIII Colóquio de Iniciação Científica do Câmpus de Rio Preto.

Eixo temático principal: *A constituição da sociedade brasileira e Clássicos das C. Sociais*

Autores estudados em seminários semanais:

- Francisco Weffort
- Carlos Nelson Coutinho
- Ricardo Antunes
- Luis Werneck Vianna
- Octávio Guilherme Velho
- Luciano Martins
- Sonia Draibe
- Octávio Ianni

- Florestan Fernandes
- Darcy Ribeiro
- Theodor Adorno
- Rosa de Luxemburg
- Émile Durkheim

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A JUNHO/97

- Patrícia Daniela Pereira de Souza
- Felipe Teixeira Martins
- Rodrigo Barbosa Ribeiro
- Vinícius Ortiz de Camargo
- Marcelo Francisco de Almeida
- Claudete Gomes Soares
- Mirian Rodrigues
- Cibele Yoshie Kanazake
- Ricardo Rodrigues Alves de Lima
- Edilene da Cruz Silva
- Marizi Aya Miyabara
- Daniele Comin Martins

TUTOR: PROF. DR. MARCOS CÉSAR ALVAREZ

COLABORADORA DIRETA: PROFA. DRA. MARIA ORLANDA PINASSI

COLABORADOR INDIRETO: PROF. DR. MARCOS DEL ROIO

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Palestra de Jorge Mautner - *Falando sobre Música* - 12/03;
- Palestra do Dr. Carlos Alberto Lungarzo - *Inteligência Artificial* - 24/03;
- Palestra do Prof. Octávio Ianni *Os cientistas sociais e a globalização*, abrindo o Curso de Extensão: O que é Globalização;
- Mesa-redonda com os professores: Tullo Vigevani, Jayme Gasparoto e Marcos Del Roio: *Memórias do Exílio - anos 60-70*;
- Palestra do Prof. Maurício Tratemberg *Educação Política em Max Weber* - 20/06;

- Exposição de Fotos de Sebastião Salgado - *Terra*, de 07 a 11/04;
- Participação no Colóquio “Gramsci: a vitalidade de um pensamento”, de 19 a 22/05, na cidade de Franca;
- Participação no II Simpósio Científico do Câmpus de Marília, no período de 02 a 06/06;
- Workshop - Grupos de Pesquisa e Projetos Integrados do CNPq - dia 16/06. Promoção da Comissão de Pesquisa da Unidade;
- Organização do Campeonato de Xadrez, de 12 a 18/05.

Eixo temático principal: *Questões sociais e políticas da atualidade: diálogo com Pensamento Social no Brasil*

Autores estudados no período:

- Fernando Henrique Cardoso
- Octávio Ianni
- Renato Ortiz
- Ladislau Dowbor
- Paulo Sérgio Rouanet
- Marcos César Alvarez
- Marcos Tadeu Del Roio

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JULHO A DEZEMBRO/1997

- Patrícia Daniela Pereira de Souza
- Felipe Teixeira Martins
- Rodrigo Barbosa Ribeiro
- Vinícius Ortiz de Camargo
- Marcelo Francisco de Almeida
- Claudete Gomes Soares
- Mirian Rodrigues
- Cibele Yoshie Kanazake
- Ricardo Rodrigues Alves de Lima
- Edilene da Cruz Silva
- Marizi Aya Miyabara
- Daniele Comin Martins

TUTOR: PROF. DR. MARCOS CÉSAR ALVAREZ

COLABORADORA DIRETA: PROFA DRA. MARIA ORLANDA PINASSI
COLABORADOR INDIRETO: PROF. DR. MARCOS TADEU DEL ROIO

PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PERÍODO:

- Participação na 49ª Reunião Anual da SBPC, na Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 13 a 18/07;
- Palestra do Prof. Mário Marshep - *O idealismo político em Shakespeare*, dia 25/08;
- Palestra do Prof. Paul Singer - *Auto Gestão*, dia 28/08;
- Palestra do Prof. Sérgio Lessa - *A Centralidade do Trabalho em Lukács*, dia 10/09;
- Palestra do Prof. Sérgio Lessa - *A questão do Método para Lukács*, dia 11/09;
- Participação na 4ª Jornada de Iniciação Científica do Câmpus de Marília, com apresentação de trabalhos. Dia 26/09;
- Mesa-redonda sobre *30 Anos da morte de Che Guevara*, dia 08/10;
- Participação no IX Congresso de Iniciação Científica da Unesp, dias 17 e 18/10, no Câmpus de Marília;
- Participação na VII Jornada Pedagógica - Os desafios da Educação para o Século XXI;
- Palestras do Embaixador Sérgio Bath
Dia 02/11 - A carreira diplomática
Dia 03/11 - Kautilya e Maquiavel: um diálogo no tempo
Dia 04/11 - Relações Internacionais e a Ásia na perspectiva de uma era globalizada
- Participação na XXI Jornada Filosofia e Teoria das Ciências Humanas, no período de 17 a 20/11, no Câmpus de Marília.

Eixo temático principal: *Questões sociais e políticas da atualidade*

Autores estudados no período:

- Walter Benjamin
- David Harvey

- Fredreric Jameson
- David McLellan

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO/1998

- Ricardo R. A. Lima
- Marizi A. Miyabara
- Vinícius Ortiz de Camargo
- Felipe Teixeira Martins
- Daniele Comin Martins
- Edilene Cruz Silva
- Patrícia Daniela P. Souza
- Cristina Traskine Pereira
- Karis Christiann Rozendo de Lima Branzas
- Mariângela Ribeiro de Almeida
- Santiane Arias

TUTOR: PROF. DR. MARCOS CÉSAR ALVAREZ

COLABORADORA DIRETA: PROFA. DRA. MARIA ORLANDA PINASSI

Principais atividades realizadas no período:

- Palestra do Prof. Marcos Del Roio: *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*, debate realizado em abril de 1998, organizado juntamente com a Comissão de Ensino e a Comissão de Pesquisa da unidade;
- Mesa-redonda: Atualidade de Durkheim, dia 21/05. Atividade organizada com o Departamento de Sociologia e Antropologia;
- Ciclo de Palestras - Atualidade de Marx: 150 Anos do Manifesto Comunista, nos dias 22 e 23/04. Atividade organizada com os Departamentos de Sociologia e Antropologia, Ciências Políticas e Econômicas;
- Debate *Brasil, 500 anos: história, encontros e desencontros*, mesa-redonda realizada em maio, organizada com os Departamentos de Sociologia e Antropologia, Ciências Políticas e Econômicas e Conselho de Curso de Ciências Sociais;

- Palestra do Prof. Vinício Carrilho Martinez, *Cidadania e Tecnologia*;
- Palestra do Prof. Orlando Martinelli, “A definição do Estado Keynesiano e sua relação com os direitos sociais”;
- Ciclo de filmes e debates, contando com a participação da Profa Célia Tolentino;
- Participação na VI Jornada de Ciências Sociais, Jornada de Estudos Leandro Konder, no período de 05 a 09/10;
- Participação no X Congresso de Iniciação Científica da Unesp, nos dias 22 e 23/10;
- Participação no XXII Encontro Anual da ANPOCS, no período de 27 a 31/10, em Caxambu-MG;
- Participação no II Seminário de Direitos Humanos no século XXI: 50 anos da Declaração Universal de Direitos Humanos, no período de 04 a 06/11, no Câmpus de Marília;
- Atividade Cultural: Tela da Tarde (ciclo de filmes exibidos semanalmente para a comunidade interna e externa do câmpus).

Eixo temático principal: *O papel do cientista social numa sociedade em transformação*

Autores estudados em seminários semanais:

- E. Kant
- Karl Marx
- Keynes
- Michel Foucault
- Georgy Lukács
- Walter Benjamin
- István Mészáros
- Robert Kurz

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO/1999

- Edilene Cruz Silva
- Cristina Traskine Pereira
- Daniela Faria Berto
- Karis Christiann Rozendo de Lima Branzes

- Mariângela Ribeiro de Almeida
- Santiane Arias
- Alexandro Henrique Paixão
- Heline Elias de Castro
- Carlos Aurélio Sobrinho
- Graziela Reis Sant'Ana
- Patrícia Eugênia Rosa Castro
- Patrícia Regina Cenci Queiroz

TUTOR: PROF. DR. MARCOS CÉSAR ALVAREZ

COLABORADORA DIRETA: PROFA.DRA. MARIA ORLANDA PINASSI

COLABORADOR INDIRETO: PROF. DR. MARCOS TADEU DEL ROIO

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Mobilização em Brasília, em defesa do ensino público e de qualidade, em particular defesa da continuidade dos Grupos PET;
- Debate com a Dra. Maria Egilda Castellano de Sjöstrand, Socióloga, doutora em Educação, vinculada à Universidad Central de Venezuela, que discutiu os rumos da Universidade na América Latina;
- Curso em VHS sobre História da Arte;
- Apresentação de trabalhos na Jornada e no Congresso de Iniciação Científica da UNESP;
- Participação nas atividades acadêmicas e culturais promovidas na Unidade, por ocasião da comemoração dos 40 Anos da UNESP de Marília;
- Atividade Cultural: Tela da Tarde (ciclo de filmes exibidos semanalmente para a comunidade interna e externa do câmpus).

Eixo temático principal: *O papel do cientista social numa sociedade em transformação*

Autores estudados em seminários semanais:

- Anthony Giddens
- Pierre Bourdieu
- Norbert Bobbio
- Max Weber

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO/2000

- Alexandre Henrique Paixão
- Heline Elias de Castro
- Mariângela Ribeiro de Almeida
- Patrícia Eugênia Rosa Castro
- Graziela Reis de Sant'Ana
- Jefferson Rodrigues Barbosa
- Santiane Arias
- Paulo Moraes Taffarello
- Jair R. da Mota Júnior
- Cristina Traskine Pereira
- Karis Christiann Rozendo de Lima Branzas

TUTOR: PROF. DR. MARCOS CÉSAR ALVAREZ

COLABORADORA DIRETA: PROFA.DRA. FÁTIMA APARECIDA CABRAL

COLABORADOR INDIRETO: PROF. DR. MARCOS TADEU DEL ROIO

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Ciclo de filmes voltados para os temas discutidos nos seminários - Ciclo *Transformação da Intimidade e Sexo, Loucura e Poder* -, contando com a participação dos seguintes debatedores: Prof. Marco Antonio Silveira (área de História), Prof. Sérgio Domingues (área de Antropologia), Isabel Loureiro (área de Filosofia);
- Participação na Jornada de Ciências Sociais *Jornada de Estudos Gilberto Freyre*;
- Participação com apresentação de trabalhos na Jornada de Iniciação Científica da UNESP;
- Atividade Cultural: Tela da Tarde (ciclo de filmes exibidos semanalmente para a comunidade interna e externa do câmpus).

Eixo temático principal: *O papel do cientista social numa sociedade em transformação*

Autores estudados em seminários semanais:

- Michel Foucault
- Anthony Giddens

- Richard Sennet
- Ágnes Heller
- Antonio Gramsci

RELAÇÃO DOS BOLSISTAS - PERÍODO: JANEIRO A DEZEMBRO/2001

- Alexandro Henrique Paixão
- Heline Elias de Castro
- Patrícia Eugênia Rosa Castro
- Graziella Reis de Sant'Ana
- Jefferson Rodrigues Barbosa
- Jair Romão da Mota Júnior
- Paulo Moraes Taffarello
- Alexander Maximilian Hilsbeck Filho
- Fernando Bracher Beilke
- Kleber Rodrigues Bianchi
- Mariana Garcia G. Ferreira (voluntária)

TUTORA: PROFA. DRA. FÁTIMA A. CABRAL

COLABORADOR DIRETO: PROF. DR. ELI PIMENTA

COLABORADOR INDIRETO: PROF. DR. MARCO AURÉLIO WERLE

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO:

- Mobilização dos grupos em defesa do PET - Assembléia Legislativa de São Paulo, em 04/04;
- Participação no SUDESTPET, em Araraquara, mês de maio;
- Participação no curso de Teoria Antropológica, ministrado no mês de abril, pela Profa. Dra. Girarda Seyferth, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a convite do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais;
- Seminário sobre Lima Barreto (1881-1922), organizado pelo Colaborador Direto do PET/CS, Prof. Eli Pimenta. Maio de 2000;
- Minicurso oferecido pelo professor de filosofia Dr. Marco Aurélio Werle, "Sobre o conceito de dialética em Hegel", nos dias 10 e 17/05;
- Mobilização do grupo em defesa do PET - Câmara Municipal de Marília, 24/09;

- Atividade Cultural: Tela da Tarde (ciclo de filmes exibidos semanalmente para a comunidade interna e externa do câmpus);
- Participação no VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura, promovido pela UNESP de Assis, no período de 12 a 14/11.

Eixo temático principal: *O papel do intelectual na produção de conhecimentos relativos à complexidade do mundo contemporâneo.*

Autores estudados em seminários semanais:

- G.W.F.Hegel
- Lima Barreto
- Norbert Elias
- Anthony Giddens
- Altvater, E.

INFORMAÇÕES SOBRE EX-BOLSISTAS

Implantado em outubro de 1991, nove turmas do PET/CS já concluíram o Bacharelado em Ciências Sociais, até o ano de 2001.

Da primeira turma, formada em 1993, Josiane Magalhães concluiu o mestrado em Educação da UNESP/Marília, tendo lecionado na Universidade Estadual de Londrina, Paraná, e na Universidade Federal de Mato Grosso; cursa atualmente o doutorado. Márcia Boschi finalizou sua dissertação de mestrado no programa de Sociologia da UNICAMP, tendo lecionado no ensino superior em Umuarama, no Paraná, e também na UNESP de Marília. Ricardo Constante Martins estava atuando na Rede Oficial de Ensino e Abílio Batista Lopes Filho estava trabalhando na área de vendas.

Quanto a segunda turma, formada em 1994, Eliane Tiekó Toyama Custódio abandonou o curso de pós-graduação em Educação da UNESP/Marília, trabalhando atualmente na área de vendas em Londrina, Paraná. Marcelo Sampaio obteve bolsa de aperfeiçoamento do CNPq em 1995, terminou licenciatura em Ciências Sociais em 1997 e obteve bolsa do Núcleo de Ensino da UNESP/Marília nesse mesmo ano. Gisele Oliveira Zanini e Sílvia Helena Biatto concluíram a Licenciatura em Ciências Sociais e estavam ministrando aulas no primeiro e segundo graus.

Dos bolsistas formados em 1995, Alexandra Pontieri estava atuando na Rede Oficial de Ensino. Hiranclair Rosa Gonçalves defendeu sua dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em Antropologia da PUC/São Paulo, e atualmente cursa doutorado. Rosimar Alves Querino concluiu seu mestrado no programa de pós-graduação em Sociologia da UNESP/Araraquara, e atualmente cursa doutorado na mesma instituição. Trabalhou na Universidade Federal de Mato Grosso, e atualmente leciona na Federal de Uberlândia. Sandro Aparecido Lima dos Santos abandonou seu mestrado no programa de pós-graduação em Educação

da UNESP/Marília, e se dirigiu para a área de História; ministra aulas no ensino superior em Mato Grosso.

Em relação aos formados no ano de 1996, Alziro da Silva Júnior está no programa de pós-graduação em Educação da UNESP/Marília. Gilson Marcos da Silva já é mestre, tendo defendido sua dissertação no programa de pós-graduação em Sociologia da UNESP/Araraquara. Luciana Cristina Caetano de Moraes, também no programa de Sociologia da UNESP/Araraquara, defendeu sua dissertação e atualmente cursa doutorado. Rennê Martins passou em concurso na área de Direito, e trabalha em Campo Grande.

Acerca dos egressos da turma de 1997, Claudete Gomes Soares finalizou seu mestrado em Sociologia na UNICAMP, e atualmente leciona na Universidade Federal de Rondônia. Marcelo Francisco de Almeida também finalizou o mestrado em Sociologia na UNICAMP, e trabalha no ensino superior no Estado de São Paulo. Rodrigo Barbosa Ribeiro terminou mestrado em Antropologia da PUC-SP, e atualmente leciona na Universidade Federal de Rondônia.

Dos formados em 1998, Vinícius Ortiz de Camargo ingressou no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP/Marília em 2000. Felipe Teixeira Martins ingressou no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP em Marília em 1999, já tendo cumprido os créditos do curso. Ricardo Rodrigues Alves de Lima ingressou no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP/Marília em 2000 e Marizi Aya Miyabara foi trabalhar no Japão.

Em 1999, apenas uma bolsista concluiu o curso de Ciências Sociais, Edilene da Cruz Silva, que entrou no ano de 2000, no mestrado em Ciências Sociais na UNESP, Câmpus de Marília e atualmnete dá aula no ensino superior do Acre. Santiane Arias cursa Mestrado em Sociologia na Unicamp.

Em 2001, Mariângela Ribeiro de Almeida foi classificada no Programa de Pós-Graduação da UFRJ e na Unicamp. Cursa, atualmente, o mestrado na Unicamp. Alexandre Henrique Paixão ingressou no mestrado em Sociologia, na USP.

Apresenta-se, a seguir, alguns textos produzidos por nossos bolsistas. Ressalte-se que os textos representam, mas não dão conta de toda a produção realizada. O fato de publicarmos textos recentes se deve, exclusivamente, à facilidade de contato com bolsistas ou ex-bolsistas, e também pelo fato de alguns trabalhos anteriores já terem sido publicados na Revista de Iniciação Científica do Câmpus.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A PARTICULARIDADE DO CAPITALISMO BRASILEIRO E OS IMPASSES DA QUESTÃO NACIONAL SEGUNDO NELSON WERNECK SODRÉ E CAIO PRADO JÚNIOR (1964 A 1968)

Ricardo Rodrigues Alves de LIMA¹

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (Karl Marx)

Discorreremos, nas próximas páginas, sobre a produção teórica de Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Júnior entre os anos de 1964 e 1968,² buscando mostrar como estes autores conceberam o processo de implementação do capitalismo no Brasil e definiram, a partir dessa concepção, a questão nacional. Sendo assim, propomos resgatar a discussão com as análises críticas em relação às contradições e o descompasso entre a condição capitalista dependente do país e a sua constituição enquanto Nação autodeterminada. O objetivo é o de levantar alguns pontos da discussão teórica por eles realizada e que se mostrariam inconclusos naquele momento, projetando suas indefinições para o marxismo na década seguinte.

1 – Os autores aqui estudados se colocaram um desafio: pensar o presente como história - tendo nessa postura metodológica uma influência decisiva do marxismo. O problema concreto posto pelo presente deles era o da

¹ Foi integrante do Programa Especial de Treinamento durante o período de abril/96 a fevereiro/99. Orientadora do trabalho: Dra. Maria Orlanda Pinassi.

² Para isso, teremos como referência principal os seguintes livros: de Sodré, *História da burguesia brasileira* (1964) e *Introdução à revolução brasileira* (1967); de Caio Prado Júnior, *A revolução brasileira* (1966).

ditadura militar instaurada no Brasil em 1964, representando este fato na época, principalmente do ponto de vista das classes subalternas e das correntes e partidos de esquerda envolvidos com um projeto de caráter nacional-popular, um retrocesso na história do país. Sendo assim, ao assumirem tal desafio intelectual, buscaram explicar quais foram, no Brasil, as vias para o capitalismo, e quais suas implicações na configuração da situação presente, marcada pela vigência de um regime ultraconservador.

Nessa busca pela especificidade do caminho brasileiro à “modernidade burguesa”, há continuidade com uma temática clássica no marxismo, muito presente no início do século XX, e abordada por autores como Lênin, Rosa Luxemburgo, Lukács, Gramsci e Trotsky. Um elemento em comum importante entre estes autores e os brasileiros é a reflexão sobre as condições próprias com as quais se defrontam os países de capitalismo tardio, nos quais todos se situavam, o que nos permite fazer um paralelo entre estes dois grupos de intelectuais, situados em espaços e momentos históricos distintos. Quanto a isso, há uma colocação feita por Trotsky em *A História da Revolução Russa* (1930), muito elucidativa desta proximidade:

Em que consistia o atraso da Rússia? Seria porque, tardiamente, reproduzia a história dos países da Europa Ocidental? E, neste caso, poder-se-ia falar em conquista do poder pelo proletariado russo? Entretanto, este poder (permitam-me lembrá-lo) o proletariado russo o conquistou. Assim sendo, como se apresenta a questão? Do seguinte modo: o incontestável atraso da evolução russa, sob a influência e a pressão da cultura ocidental mais elevada, não conduz apenas a uma simples repetição do processus histórico da Europa ocidental, mas determina profundas particularidades que devem constituir, isoladamente, um assunto de estudo... (TROTSKY, 1967, p.386)

É pois a essas particularidades próprias à condição de atraso do Brasil, como aconteceu na Rússia, mas também na Alemanha e na Itália, que se voltarão os marxistas

brasileiros, assim como o fizeram os *clássicos do marxismo*, a fim de desvendar os rumos do processo histórico subjacente à ditadura militar. No entanto, a observação feita por Trotsky nos remete a um outro tema do marxismo, também vinculado ao problema da particularidade, ou seja, o da questão nacional. Logo, é pela apreensão do particular o meio de visualização tanto das questões pendentes do desenvolvimento capitalista tardio em cada país, como do caminho possível de superação do horizonte nacionalista burguês e de construção do socialismo (problema central do marxismo).

Lembremos que a questão nacional não recebera uma abordagem sistemática de Marx (LÖWY, 1976, p.81-83), ficando em aberto para o marxismo do século XX uma formulação teórica que apontasse as soluções internacionalistas diante das especificidades de cada país. Esse tema seria retomado e aprofundado num momento posterior por Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Bauer, entre outros, tendo em vista as situações particulares com as quais se defrontavam na Europa no início do século, principalmente o imperialismo. Mesmo assim, o debate permaneceria inconcluso. Esse fato, na verdade, revela ser esta uma questão que apresenta diferentes conotações conforme a sua localização no tempo e no espaço. Logo, além da situação de capitalismo tardio, o passado colonial do Brasil e sua posição periférica e dependente constituíam novos elementos, tanto para a compreensão da questão nacional no país, como para o enriquecimento teórico do marxismo sobre esse assunto.

Essas características próprias ao Brasil e à sua história problematizaram a aplicação dos conceitos construídos pelo marxismo para analisar principalmente a situação européia, exigindo um esforço de recriação conceitual na identificação da via do desenvolvimento capitalista no Brasil e dos problemas pendentes na questão nacional por ela suscitados. Diante disso, retomaremos aqui alguns pontos dessa trajetória

do marxismo no país, situada entre os anos de 1964 e 1968, em seu esforço de aprofundar estas questões, postas pelos clássicos do marxismo, à luz da formação histórica e social brasileira.

2 - Colocaremos como um primeiro ponto de discussão aquilo que nos parece ser, em esboço, a formulação teórica sobre uma via específica para o capitalismo,³ subjacente a reconstituição da formação social brasileira perseguida pelos autores abordados. Conforme vimos anteriormente, Trotsky já apontava para a impossibilidade de reprodução do processo histórico das revoluções burguesas “clássicas” (França, Inglaterra e EUA) em países atrasados, e para a necessidade de apreensão das particularidades. Diante da brusca interrupção da ascensão da esquerda nacionalista no cenário político provocada pelo golpe militar de 64, principalmente aquela articulada em torno do projeto nacional-democrático do PCB,⁴ esses temas serão repensados, por parte dos intelectuais ligados à luta política do momento, de modo articulado à uma preocupação em compreender os erros deste mesmo projeto.

A reposição dessas questões relativas à particularidade de um contexto histórico e social diferente daquele vivenciado por Trotsky, Lênin e outros autores, não passaram

³ Lembrando que isso já havia sido feito, por exemplo, por Lenin, na comparação entre o desenvolvimento capitalista nos EUA, na Prússia e na Rússia; e por Gramsci, no estudo da questão italiana do século XIX.

⁴ Em linhas gerais, o programa nacional-democrático do PCB, em meados dos anos 60, presentes nos documentos dos Congressos de 1960 e 1967 por exemplo, apresentava um projeto de reformas nacionais e democráticas para o país. A sua concepção principal era a da etapa democrático-burguesa da “revolução brasileira” em curso. Segundo os documentos do PCB da época, ainda existiam relações feudais e semifeudais na formação social brasileira, persistindo no domínio do latifúndio, daí o caráter antifeudal da nova etapa da evolução do país. Por outro lado, entendia-se que a contradição principal existente naquele momento era entre a “nação brasileira” e o “imperialismo norte-americano”. Logo, a estratégia do Partido era a de uma aliança com a “burguesia nacional” e demais classes populares em defesa do desenvolvimento capitalista autônomo do país, condição necessária para a etapa posterior da revolução, isto é, o socialismo.

despercebidas, por exemplo, a Nelson Werneck Sodré,⁵ um dos intelectuais que mais aparece identificado, na literatura sobre o pensamento social brasileiro, à aplicação do modelo interpretativo fornecido pela Internacional Comunista de 1928,⁶ sobre a condição dos países latino-americanos. Essa percepção se revela nos estudos por ele feito sobre a História do Brasil, na qual procurava discriminar as forças sociais capazes de exercerem uma influência nacionalmente progressiva no desfecho da “revolução brasileira”, ou revolução burguesa, em curso nos anos 60.

Sodré buscava identificar nos seus pontos específicos, assim como Caio Prado Júnior, como se colocava historicamente o confronto político e social no Brasil daquele

⁵ No caso de Werneck Sodré, trata-se de um autor muito criticado por diferentes tendências do pensamento brasileiro, principalmente no início dos anos 1980, sendo muito identificado às ações e visões do PCB. Isso impediu o realçamento das nuances de seu pensamento. Segundo nossa visão, embora não retomaremos isso no texto, as limitações de Sodré não eram simplesmente suas, mas do próprio marxismo no Brasil em seu tempo, tendência ainda muito recente no tempo em que Sodré nela se formara. Nesse sentido, uma das características de sua obras, assim como na de Caio Prado, é a relativa pobreza de categorias analíticas, o que dificultava a exposição sobre a especificidade brasileira, por ele percebida, frente as relações sociais existentes em outros países, como as relações feudais.

⁶ De acordo com a Internacional, tanto nos países asiáticos como nos latino-americanos havia ainda a permanência de relações feudais em suas respectivas formações sociais, o que constituía um obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Essa interpretação seria muito difundida com o processo de stalinização dos partidos comunistas pelo mundo a partir dos anos 1930. “O resultado desse processo foi a adoção da doutrina da revolução por etapas e do bloco de quatro classes (o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional) como fundamento da sua prática política, cujo objetivo era a concretização da etapa nacional-democrática (ou antiimperialista ou antifeudal). Essa foi a doutrina elaborada por Stalin e aplicada na China, e, mais tarde, generalizada para todos os países coloniais e semicoloniais (inclusive, é claro, a América Latina)” (LÓWY, 1999, p.27). De acordo com esse raciocínio, países como o Brasil praticamente reproduziriam, de forma tardia, a mesma trajetória das revoluções burguesas clássicas, com a burguesia desempenhando um papel progressista nesse processo.

momento.⁷ Com esse intuito, insistia na necessidade de levar-se em consideração a diferença das revoluções burguesas ocorridas na Inglaterra e na França, em que houve uma liquidação das velhas relações de produção e sua substituição definitiva por relações capitalistas, de revoluções burguesas ocorridas na fase imperialista do capitalismo, caso do Brasil. Logo, o período no qual ocorre esse processo no país - século XX - e a sua situação de dependência em relação às nações hegemônicas são diferenciais fundamentais do caso brasileiro.⁸

Segundo Sodré, o Brasil estava, ainda nos anos 50 e 60 do século XX, em plena fase de desagregação do sistema colonial, pois coexistiam no país, em áreas territoriais

⁷ Não podemos nos esquecer que a publicação das obras *A Revolução Brasileira*, Caio Prado, de 1966, e a edição de 1967 de *Introdução à Revolução Brasileira*, N.W.Sodré, inserem-se num quadro de rupturas e impasses teóricos no interior do PCB, partido que encontrar-se-á cada vez mais pressionado pela complexa situação política e econômica, marcada pela inércia nestes dois planos, que se configura no período compreendido entre o golpe de 1964 e a promulgação do AI-5, em 1968, momento de aprofundamento do regime militar. Diante desta situação, ensaiava-se no âmbito da esquerda radical do partido (Marighella e Mário Alves, por exemplo), assim como entre outras organizações de esquerda, uma imersão geral na luta armada, tendo como uma de suas motivações o próprio recuo do PCB diante do golpe. Assim, a formulação de qualquer proposta com o objetivo de tornar-se abrangente no espectro das forças democráticas exigia uma cuidadosa observação de como colocava-se concretamente a luta de classes no país.

⁸ Faz-se necessário ressaltar aqui que Sodré, num texto de 1967, complementar ao livro *Introdução à Revolução Brasileira* (1958), assinala as distinções entre as revoluções democrático-burguesas do século XVII e XVIII e aquelas de "segundo tipo", como a brasileira, que têm seus momentos decisivos no século XX. "As características principais desse tipo foram as seguintes: existência de massa camponesa numericamente preponderante e principal como produtora de bens econômicos; de numerosa pequena burguesia, com função política destacada; de proletariado pouco numeroso mas crescente, com formas de organização em desenvolvimento mas ainda fracas; de burguesia recente, ascensional, com amplas perspectivas nacionais e fracas perspectivas internacionais. Externamente, as condições são também muito diversas: surgiram no palco, de um lado, o imperialismo, etapa alcançada pelos países que haviam realizado a revolução burguesa do primeiro tipo [Inglaterra, França e EUA], particularmente, em nossos dias, do imperialismo dos Estados Unidos; e, de outro lado, de um país, hoje de alguns países, onde se operou a revolução socialista ou onde se processa a construção do socialismo". (SODRÉ, 1967, p.245)

diferentes, etapas históricas distintas sustentadas em modos de produção diferenciados, o feudal e o capitalista, ambos derivados da deterioração do escravismo, predominante no período colonial. Isto significava que as relações capitalistas ainda não haviam se generalizado no país, posto que ainda existiam, principalmente no domínio do latifúndio, relações feudais e semifeudais, preservadas pelo monopólio da terra. Nessa formação social a penetração capitalista ainda era lenta.

No entanto, mesmo considerando a existência no país de relações sociais próprias ao passado europeu, Sodré não adere a um simples transplante da história européia para a história da sociedade brasileira, colocando em seqüência cronológica o feudalismo e o capitalismo. Na híbrida formação social brasileira estas duas formações, originadas das rupturas no interior do escravismo, coexistiriam num mesmo momento histórico. Parece-nos ser a forma de expressar conceitualmente traços próprios dessa realidade social a principal dificuldade enfrentada por esse autor no delineamento da particularidade do caminho do capitalismo no país, dificultando a exposição do caráter distinto dessa via em relação à via seguida, por exemplo, em países europeus.⁹ Fica assim a seguinte questão a ser desvendada na obra de Sodré: em que medida ele rompe com o modelo explicativo adotado pela teoria do PCB e avança na conceituação da particularidade brasileira?

⁹ Esse ponto é reconhecido pelo próprio autor já no início do livro *História da Burguesia Brasileira* (1964), no qual busca apreender a posição desta classe no cenário histórico e político: "Muitas são, realmente, as dificuldades que se apresentam, no estudo da burguesia brasileira. A primeira delas está ligada aos próprios conceitos. Os conceitos são historicamente condicionados, isto é, eles têm também a sua história. Surgidos em fase anterior, em área diversa, mostram-se, em muitos casos, inadequados quando muda a área ou flui o tempo sobre a época que surgiram. Mas, enquanto não aparecem conceitos novos, relativos ao mesmo fenômeno, é mister utilizar os antigos, suportes indispensáveis ao entendimento entre os homens. Nesse uso, entretanto, cabe o cuidado de distinguir as diferenças entre a fase que gerou o conceito e aquela em que é utilizado, entre a área em que surgiu como generalização teórica e a fase apreciada. Trata-se, no fim de contas, de passar do universal ao particular, e do particular ao universal, entendendo a íntima ligação entre um e outro e seu caráter dialético" (SODRÉ, 1976, p.1)

Mas, juntamente com a constatação da existência de relações feudais no Brasil ainda no século XX, há a percepção de um traço incômodo que permanece na trajetória brasileira ao capitalismo, ou seja, a não ruptura com o passado, maior expressão do atraso e da dependência brasileira, e herança que se perpetua no decorrer da história.¹⁰ Esse ponto também seria salientado, sob outro enfoque, por Caio Prado Júnior, revelando a importância do problema do atraso na conjuntura de meados dos anos 60, e na reflexão sobre o Brasil a partir da perspectiva das classes subalternas e da revolução.

3 - Na leitura de Caio Prado Júnior, o que estava ocorrendo era um processo de transformações econômicas e sociais, implicando numa transição entre o “Brasil Colônia”, pelo qual o país ingressara na história como “área geográfica ocupada e colonizada com o objetivo precípua de extrair dessa área produtos destinados ao abastecimento do comércio e mercado europeus” (PRADO JÚNIOR, 1966, p.123), e o “Brasil Nação” (possibilidade para o futuro), no qual o país encontraria a razão de sua existência em si mesmo, dirigindo a sua produção econômica para o mercado interno e para os interesses da maioria de sua população, agora uma “coletividade nacionalmente integrada”. Dessa forma, temos na permanência do *passado* (herança colonial) e na projeção *futura* do país (Brasil Nação), a principal

¹⁰ É interessante observar como esse sentimento de desconforto com a perpetuação do passado na construção do novo também estava presente em autores anteriores do marxismo que refletiam sobre a condição tardia do aprofundamento de relações de produção capitalistas em seu país, como Trotsky: “A lei do desenvolvimento combinado está demonstrada como sendo a mais incontestável na história e no caráter da indústria russa. Tardamente nascida, essa indústria não percorreu, desde o início, o ciclo dos países adiantados, porém neles se incorporou, adaptando ao seu estado atrasado as conquistas mais modernas. [...] Julgaram alguns historiadores russos ser isto motivo suficiente para concluir que era necessário abandonar a lenda de um país atrasado e de lento progresso do país. Na realidade, a possibilidade de um progresso assim rápido era precisamente determinada pelo estado atrasado do país, que, infelizmente, não apenas subsistiu até a liquidação do antigo regime mas que, como sua herança, perdura até hoje”, (TROTSKY, 1967, p.28, grifo nosso). Esse é um ponto que também estará presente nas reflexões de Caio Prado, como veremos a seguir.

contradição no processo histórico de formação da sociedade brasileira, que na perspectiva de Caio Prado realizara-se sem rupturas revolucionárias.

De acordo com sua interpretação, a formação social brasileira passava a ser analisada a partir da circunstância fundamental de nela já existirem as premissas das relações capitalistas desde o início de sua condição colonial. Tal perspectiva desautorizava a atribuição antifeudal ao caráter da “Revolução Brasileira”, conforme a leitura do PCB, posto que nunca houve feudalismo no país e, evidentemente, não havia restos feudais a serem removidos. A sua crítica incide sobre as formulações apriorísticas presente na teoria da revolução do PCB. Segundo Caio Prado, o entendimento de que no Brasil ainda se vivia um período de transição do feudalismo para o capitalismo expressava a transposição imediata, sem quaisquer mediações, de conceitos que apreendiam relações existentes no passado europeu para a realidade brasileira. Enquadrava-se a evolução histórica do Brasil num esquema preestabelecido e de inspiração stalinista, qual seja: feudalismo, capitalismo e, posteriormente, socialismo. Dessa forma, ele se antecipava e fornecia elementos para a crítica à teoria do PCB que seria retomada nos anos 70, por autores como Florestan Fernandes.

Logo, a passagem para o capitalismo não seria decorrência da desagregação de um regime feudal, como ocorrera na França, na Inglaterra e mesmo num país de capitalismo tardio como a Alemanha. Para ele, as relações sociais predominantes nas regiões agrárias fundamentaram-se, desde o período colonial, nas grandes unidades produtivas voltadas para o mercado externo e baseadas na mão-de-obra escrava. Com a abolição da escravidão o capitalismo passava a existir de forma mais completa nestas regiões, pois a utilização da mão-de-obra assalariada começaria a predominar. Como se percebe, nessa abordagem a particularidade da via de objetivação do capitalismo no Brasil ganha um conteúdo distinto daquele apontado por Sodré,

sendo que Caio Prado procura afastar-se mais de modelos e conceitos explicativos referentes a outras realidades histórico-sociais.

Mas nesse movimento em direção a uma formação capitalista mais completa, tanto a exploração sobre os trabalhadores do campo como essas grandes unidades produtivas voltadas para o mercado externo persistem, aliás, com grande funcionalidade a esse processo de transição.¹¹ Tal fato revela, na questão agrária, o não rompimento definitivo com a herança colonial, além de sua participação e reprodução na construção do Brasil contemporâneo.

4 - Dessas diferentes abordagens, depreende-se o que nos parece ser um dos motivos principais do desconforto destes dois autores em relação ao legado do passado. Essa via de desenvolvimento, não importando aqui como cada um dos autores a entende, projeta sobre o presente estruturas sociais, políticas e econômicas que mantêm, de modo semelhante ao período colonial, grande parcela da população desintegrada da vida nacional, assim como preservam os laços de dependência com o imperialismo. É a presença perene do passado entendida como um “pesadelo” duradouro na história da sociedade brasileira, principalmente da perspectiva daqueles preocupados em encontrar alternativas históricas mais promissoras para o país e para as classes subalternas. Configuram-se, assim pendências históricas na formação capitalista brasileira,¹² a qual deixa em aberto a questão nacional, não a resolvendo, pois a forma de implementação do capitalismo não concorreu para a

¹¹ Nesse ponto também há diferenças em relação a Sodré sobre o papel do setores mais atrasados na expansão do capitalismo no país. Segundo Caio Prado, “as sobrevivências pré-capitalistas nas relações de trabalho da agropecuária brasileira, longe de gerarem obstáculos e contradições opostas ao desenvolvimento capitalista, têm pelo contrário contribuído para ele” (PRADO JÚNIOR, 1966, p.97-98).

¹² Nesse ponto, a interpretação de Sodré nos sugere ser o Brasil um país de formação capitalista incompleta, dado o hibridismo de sua formação social.

autodeterminação do país, assim como para a efetiva integração nacional e constituição do “Brasil-Nação”.

Evidentemente, as diferentes leituras por eles feitas sobre quais são as determinantes histórico-sociais principais da situação presente do Brasil apontarão igualmente para formas desiguais de enfrentamento da questão nacional por parte do PCB e das esquerdas no contexto da ditadura militar instaurada em 1964. Para Sodré, a persistência de relações feudais e semifeudais no domínio do latifúndio, somada a ação do imperialismo sobre o país, constituíam contradições decisivas para a burguesia brasileira, ou, melhor dizendo, às suas frações nacionalistas originadas da expansão interna do capitalismo, inferindo-se desse raciocínio a possibilidade de seu potencial revolucionário e interesse em levar a cabo, associada às classes exploradas pelo latifúndio e pelo imperialismo, uma revolução de caráter democrático-burguês(nacional). Já Caio Prado demonstra total ceticismo diante desta hipótese, pois a condição de dependência e subordinação estrutural da economia brasileira em relação à economia internacional originada nos primórdios da formação do país e perpetuada no período imperialista do capitalismo situava a burguesia brasileira numa posição associada ao capital externo, tendo recebido dele inclusive um impulso decisivo para a ampliação de suas perspectivas de acumulação. Por outro lado, a forma de desenvolvimento do capitalismo não implicou na existência de contradições e oposições irreduzíveis entre a burguesia, principalmente a industrial, e os setores agrários.

Apesar de suas diferenças, essas abordagens, ambas tomando como referencial teórico principal o marxismo conhecido no Brasil em seu tempo, salientam o descompasso do país, ainda no século XX, em relação aos padrões de civilização alcançados pelos países hegemônicos no capitalismo em nível mundial, os quais detinham autonomia nacional e haviam incorporado a maior parte de sua

população à vida nacional. Dessa forma, colocavam em pauta, no debate dos anos 60, vários temas que balizaram a discussão feita na década posterior, nas correntes de esquerda, principalmente do marxismo, como o do caminho brasileiro à “modernidade burguesa”, e dos impasses daí decorrentes tanto para a condição presente do Brasil, como para a viabilização de um projeto de revolução. As críticas incisivas de Caio Prado Júnior,¹³ à leitura sobre a formação social brasileira feita pelo PCB mostravam a existência de muitos pontos inconclusos na abordagem sobre a especificidade e as possibilidades da via de desenvolvimento capitalista seguida pelo Brasil, problematizando a aplicação, para a análise do caso brasileiro, de modelos interpretativos concebidos para a compreensão de outras realidades histórico-sociais. Esse tema, juntamente com suas indefinições, seria retomado, sob outros ângulos e condições, nos anos 1970 e início dos anos 1980. Mas ficaria relegado a um segundo plano logo em seguida. No entanto, neste final de século, os obstáculos suscitados pelo capitalismo em nível mundial, os quais tendem a acentuar as desigualdades entre países centrais e periféricos, ao desenvolvimento capitalista autônomo e à superação dessa condição pelos países dependentes, indica que o curso capitalista brasileiro mantém a questão nacional em aberto. Estas questões pendentes revelam a atualidade e a necessidade de retomada do debate sobre qual a especificidade da via de objetivação do capitalismo no Brasil e as possibilidades daí decorrentes, tanto para a sua autodeterminação política e econômica, como para uma efetiva integração nacional envolvendo a totalidade de sua população.

¹³ Apesar de ter feito críticas pertinentes à teoria da revolução do PCB, Caio Prado não desenvolveu no livro *A Revolução Brasileira* uma teoria da ação política alternativa e mais aprofundada, ficando essa questão como um desafio para a década seguinte.

REFERÊNCIAS

D'INCAO, M. A. (Org.) *História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Unesp, 1989.

LÖWY, M. *Marxists and the national question*. *New Left Review*, London, N.96, 1976.

PRADO JÚNIOR, C. *A revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

SODRÉ, N. W. *História da burguesia brasileira*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Introdução à revolução brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TROTSKY, L. *História da revolução russa*. Rio de Janeiro: Saga, 1967.

A “MÚSICA DOS UNIVERSITÁRIOS” HOJE: O CONSUMO MUSICAL DOS ALUNOS DA FFC, UNESP- MARÍLIA¹

Mariângela Ribeiro ALMEIDA²

1 A MÚSICA DOS UNIVERSITÁRIOS: ANOS 60 E 70

Estudos sobre a produção cultural brasileira dos anos 60 e 70 apontam para o que alguns autores chamavam de “música dos universitários”. Como informa Bahiana (1979), o miolo da música popular brasileira dessas décadas saiu das universidades: Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gonzaguinha, Ivan Lins e outros. Assim, a autora ressalta que essas músicas eram consumidas sobretudo pelos universitários:

A visão do veio principal da música, no Brasil, é, necessariamente a visão das universidades - ainda mais que a crítica constante, em profundidade, surgida em meados dos anos 60, é, também, de extração universitária. Isso significa, em última análise, que o circuito se fecha de modo perfeito: a música sai da classe média, é orientada pela classe média e por ela é consumida. (BAHIANA, 1979, p.25)

A partir dos anos 60, a produção cultural e artística brasileira trouxe novas formas estéticas e, ao mesmo tempo, um conteúdo tido como crítico e politizado. Considera-se esse período como um dos mais criativos da produção cultural do país, “o país estava irreconhecivelmente inteligente” (SCHWARZ, 1978, p.68). Estudantes e intelectuais

¹ Síntese da monografia apresentada para conclusão do curso de Ciências Sociais no ano de 2000.

² Graduada em Ciências Sociais; bolsista do Programa Especial de Treinamento (PET/CAPES) de março de 1998 a dezembro de 2000 (Departamento de Sociologia e Antropologia - Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília, Unesp, 17502-000, Marília, São Paulo, Brasil.) Orientadores do trabalho: Dr. Marcos César Alvarez e Dra. Fátima Cabral.

estavam empenhados pela mobilização social através de uma “arte política e conscientizadora”. Tivemos a experiência cultural realizada pelo CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes), música de protesto, cinema e teatro político: “O vento pré-revolucionário descompartmentava a consciência nacional e enchia os jornais de reforma agrária, movimento operário, nacionalização de empresas americanas. [...] era a produção intelectual que começava a reorientar sua relação com as massas” (SCHWARZ, 1978, p.70).

Mas veio o golpe de 1964 e a reordenação e estreitamento dos laços de dependência, a intensificação do processo de modernização e a racionalização institucional. No campo ideológico, houve a consolidação da indústria cultural. Por outro lado, a arte apareceu com força novamente – agora como resposta ao golpe. Muitos estudos enfatizam que o Cinema Novo trouxe uma nova linguagem ao cinema nacional sem abandonar o compromisso político; o tropicalismo, com um caráter provocativo e inovador, modernizou nossa música; José Celso Martinez fez o mesmo nos palcos com o Teatro Oficina. Observa-se uma efervescência cultural ligada intimamente ao movimento estudantil.

Para uma melhor compreensão desse quadro brasileiro, é importante ressaltar que a década de 1960 foi marcada no mundo todo por movimentos libertários. Numa conjuntura internacional de prosperidade econômica, houve a crise no sistema escolar e em outras instituições sociais. Os estudantes, juntamente com outros setores da sociedade – operários, artistas e intelectuais –, foram responsáveis por grandes manifestações. Apesar da particularidade da luta em cada país, pontua-se como aspectos comuns nas manifestações ocorridas no mundo todo naquele momento: busca por maior participação política, recusa das guerras coloniais, negação da sociedade de consumo, aproximação

entre arte e política, ânsia de libertação pessoal das estruturas do sistema (capitalista ou socialista), mudanças comportamentais e aparecimento dos aspectos do pacifismo, da ecologia, do feminismo, dos movimentos homossexuais, de minorias étnicas.

Como se vê, a década de 1960 integrou uma onda de revolta mundial, e foi marcada pela participação de uma “população” que crescia no mundo inteiro. Nas palavras de Coelho (2000), a “população universitária”, maior responsável pelas manifestações de 1968:

Foi o clamor por um outro modo de vida. E foi acima de tudo a revelação de uma força autêntica internacional [...] a internacional dos jovens - e dos jovens estudantes. 1968 teria sido impossível sem o aumento caudaloso do número de jovens nas universidades do mundo ocidental [...]. Maior número de jovens nas universidades da França, dos EUA, do Brasil como também na Itália e em outras partes, significou maior número de pessoas em condições de informar-se sobre a realidade e tomar posição por conta própria [...]. (COELHO, 2000, p.24-25)

Vale enfatizar que no Brasil daquele momento, houve a consolidação dos modos de vida e cultura das metrópoles e um aumento quantitativo das classes médias. Nesse contexto, o jovem se tornou importante na composição etária da população. Coelho observa que entre 1964 e 1968, o número de vestibulandos crescera 120%, e o número de vagas nas universidades havia diminuído 11%. Assim, no Brasil, as manifestações estudantis também brotaram em prol da causa universitária e da ânsia por um novo modo de vida. Mas o caso brasileiro, tal como aponta Ridente, “não deve ser compreendido fora do contexto específico nacional, de luta contra a ditadura e a afirmação dos estudantes, classes médias intelectualizadas e setores operário” (RIDENTE, 1999, p.59).

2 CULTURA DE ELITE *VERSUS* CULTURA DE MASSA

Ao ter tal participação nos movimentos políticos, culturais e sociais no Brasil dos anos 60, o estudante ganha seu espaço. A partir daí, muitos autores apontam os universitários como um grupo específico dentro do mercado de bens culturais. Bahiana pensa o universitário na música, como classe, isto é, como um grupo produtor e consumidor específico. Paes (1987) diz que “[...] o gosto desse público jovem, composto sobretudo de estudantes universitários ou pré-universitários, diferencia-se do gosto menos sofisticado das massas, até hoje fiéis ao sambão tradicional”. (PAES, 1987, p.125). E Schwarz nos lembra que esse público formado pelas camadas mais escolarizadas da sociedade tornou-se “numeroso a ponto de formar um bom mercado que produz para consumo próprio” (SCHWARZ, 1978, p.62). Nesta perspectiva, os universitários ganharam o *status* de um público específico se comparado àquela parcela da população que não tem um grau de instrução e de cultura elevado.

Teixeira Coelho (1998), por sua vez, nota que há uma tradição nos estudos sobre indústria cultural que defende o grau de instrução como variável que define o público de uma cultura erudita e o público de uma cultura de massa. Assim, a questão sobre quem consome os produtos considerados “sem conteúdo artístico” é enfatizada nos seguintes termos: os produtos culturais que incomodam grande parte dos críticos por seus conteúdos grosseiros e ordinários seriam consumidos pelas classes de baixo nível financeiro e, conseqüentemente, baixo nível de escolaridade. A partir da constatação da participação política e cultural dos universitários brasileiros nos anos 60 e 70, a tese que coloca o nível de instrução como fator que diferencia os consumidores de uma cultura erudita e de uma de massa encontra chão para se confirmar.

Mas sabemos que, a partir dos anos 70, surgem manifestações de outra ordem. Em sua fase avançada, o capitalismo reordena a história. Sobretudo com a queda do Muro de Berlim em 1989, a história que até então era fato – o mundo dividido em dois lados, com fronteiras muito claras e demarcadas –, parece chegar ao fim.

Aqui começa a história novamente. Em lugar das sociedades nacionais, a sociedade global. Em lugar do mundo dividido em capitalismo e socialismo, um mundo capitalista, multipolarizado, impregnado de experimentos socialistas. As noções de três mundos, centro, periferia, imperialismo dependência [...] e outras, parecem insuficientes, ou mesmo obsoletas. Dizem algo, mas não dizem tudo. Parecem inadequadas para expressar o que está acontecendo em diferentes lugares, regiões, nações, continentes. Os conceitos envelheceram, ficaram descolados do real, já que o real continua a mover-se, transformar-se. (IANNI, 1992, p.35)

Jameson (1977) nos ajuda a entender as palavras de Ianni, quando caracteriza esse momento que surge a partir das mudanças ocorridas na década de 1970 como um novo estágio do capital, *Capitalismo Tardio*, época em que a divisão do trabalho atingiu seu ápice. Neste estágio, enfatiza Jameson, os sujeitos encontrar-se-iam descentrados e a cultura seria a mercadoria mais importante. Dessa forma, viveríamos uma “cultura sem profundidade”.

Como pensar o consumo musical dos universitários, hoje? Se, como bem colocou Ianni, as noções que aplicávamos não podem nos dizer tudo nesse novo momento. Será ainda o nível de instrução um fator diferenciador neste caso? Para pensar essa questão, nosso trabalho contou com uma pesquisa empírica entre os universitários da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, bem como com a leitura de textos que discutem a questão da cultura contemporânea e sua relação com o sujeito no chamado capitalismo tardio, além de textos teóricos para aprofundamento da metodologia utilizada.

3 A MÚSICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

O caso da música no Brasil de hoje levanta pontos curiosos para a problemática do consumo cultural. Os recordes de vendagem atualmente têm provocado reações diversas (cf. CADERNO MAIS, Jornal Folha de São Paulo, 12 abr.1998). Os grupos do novo pagode, as duplas sertanejas e o chamado axé baiano tornaram-se produtos consumidos em si mesmos, ditando comportamentos e valores. Tornaram-se também alvo das mais diversas críticas e discussões, fazendo com que alguns reclamem sobre a “pagodização da cultura brasileira” (JABOR, 1999) ou denunciem a atual “cultura da bunda” (GONÇALVES,1998; SILVA, 1998).

Fernando Barros e Silva, entre outros, destaca que essa nova geração musical, apesar de muito criticada, tornou-se produto de consumo até mesmo de nossa elite letrada e culta:

Em relação à música neobrega isso é ainda mais evidente. Leandro e Leonardo, pagodeiros, etc., não são populares apenas no sentido de que atraem a massa pobre integrada à indústria cultural, mas também porque essa canção subpopular se generalizou pela sociedade e hoje é consumida avidamente nos Jardins, em festinhas de gente fina, e chegou ao ponto de representar a cultura nacional durante aquela patacoada exibida durante a Copa do Mundo pela Globo. (SILVA, 1998, p.2)

Nessa perspectiva, perguntamos: teremos um quadro semelhante quando pensamos nos universitários, grupo que, parecia ter um consumo diferenciado da *massa pobre integrada à indústria cultural*? Será que ainda podemos observar, tal como nos anos 60 e 70, o que se considerou uma *música dos universitários*, consumida (e às vezes produzida), substancialmente por esse grupo de estudantes? Que tipo de música os universitários dos anos 90 consomem? E mais, quem são esses universitários da década de 1990, e como eles argumentam sobre suas opções? Ou seja, acreditamos que verificar a incidência da assim chamada *música de massa* dentro da universidade levantará questões interessantes sobre a atual *cultura de consumo*.

4 RESULTADOS PARCIAIS: O CONSUMO MUSICAL DOS UNIVERSITÁRIOS NOS ANOS 90

Através de um questionário sobre consumo musical, colhemos alguns dados que auxiliam a compreensão das questões acima levantadas. Primeiramente, é importante notar que, como foi constatado, 61% dos estudantes pesquisados têm entre 18 e 25 anos de idade. Menos de 10% dos entrevistados ultrapassaram a faixa dos 30 anos de idade, o que significa que nossa fonte é formada, em sua maioria, por pessoas que cresceram durante os anos 90. O que nos diz essa geração sobre o seu consumo e gosto musical?

Pode-se dizer que, 34,7% dos universitários pesquisados definem-se como “eccléticos” quando são abordados para optar pelo estilo musical preferido: “Não tenho um estilo preferido. Gosto de tudo.” (21 anos, Biblioteconomia); “Gosto de música alegre que me leva a dançar e de música mais calma, aquela gostosa de se ouvir, para poder relaxar. [...]Terra Samba, Legião, Djavan. Oasis.” (19 anos, Pedagogia). Ou seja, uma considerável parcela dos estudantes ouvidos ressaltaram que consomem diversos estilos musicais, e alguns enfatizam mais que isso: “Sou eclética. Desde que não cause dor em meus ouvidos e não vire o meu estômago, gosto de qualquer estilo” (29 anos, Ciências Sociais). Se 34,7% dos estudantes se assumem como ecléticos, outros 42% mostraram-se – sem dizer literalmente – ecléticos, ou consumidores de estilos musicais da cultura restrita (erudita), e, ao mesmo tempo, consumidores da cultura ampla (massificada). E apenas 23,3% da amostra apontou que tem um consumo bem delimitado, diferenciando-se assim dos consumidores da cultura ampla, de *massa*.

Neste sentido, a pesquisa por nós realizada encontrou um tipo de estudante universitário que não se enquadra como um público específico, consumidor apenas de determinados gêneros musicais. A ligação entre música e

política, tão cara nos anos 70, perde espaço para a idéia de fragmentação, tão discutida nos anos 90. Assim o termo *eclético*, usado como adjetivo para expressar um consumo ampliado, que vai de gêneros musicais consagrados pela crítica cultural (elementos da cultura restrita, *superior*) a gêneros musicais considerados *banais* (cultura ampliada ou de *massa*), justifica o direito oferecido por essa nova etapa do capitalismo: consumir tudo o que desejar, dependendo do momento e das necessidades imediatas.

Uma pesquisa realizada nas Ciências Sociais da USP, por Yoshida (1995), nos traz um quadro esclarecedor. Ao observar o perfil dos alunos em 1992, Yoshida constatou que os alunos encontram-se mais interessados em práticas mágico-religiosas do que em militância política. Enquanto 45% dos alunos não possuem nenhum tipo de participação nos movimentos sociais e políticos, quase a mesma proporção, 47%, apresenta forte adesão às práticas terapêuticas e mágico-religiosas:

[...] Podemos dizer que, atualmente, os alunos possuem pouca participação nos movimentos sociais e políticos, mas que no passado essa participação foi maior. [...] Tudo leva a crer que aquela velha caricatura do aluno de Ciências Sociais, enquanto um jovem ateu e superengajado nos movimentos sociais e políticos, tornou-se inadequado, para os dias de hoje. (YOSHIDA, 1994, p. 94)

Embora a geração dos anos 90 tenha participação em vários movimentos sociais e culturais, nota-se que tal participação não exclui a fragmentação, a individualização que marca nossa época. Nesta perspectiva, apesar de Yoshida analisar apenas um curso, seu estudo demonstra uma tendência que tem surgido em todo meio universitário.

Percebe-se que a relação do universitário com o consumo perpassa as próprias mudanças da sociedade. Para Harvey, desde a década de 1970 vem ocorrendo uma mudança abissal nas práticas culturais, econômicas e políticas, favorecendo a emergência de modos mais flexíveis de

acumulação do capital e um novo ciclo de compreensão do “tempo e do espaço” na organização do capitalismo. Nas palavras de Jameson, nesse contexto, o sujeito, tal como o tempo e o espaço, também “explodiu”:

Se, de fato, o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas propensões e retenções em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não “um amontoado de fragmentos” e uma prática de heterogeneidade a esmo do fragmentário, do aleatório. (JAMESON, 1997, p. 52)

Com a “explosão do tempo e do espaço”, tal como definem Jameson e Harvey, e essa tendência geral para a fragmentação de todos os aspectos do cotidiano e dos sujeitos, torna-se difícil delinear perfeitamente o público do erudito e o público do massificado. Vivemos, nos termos de Canclini (1998), uma “cultura híbrida”. Hoje vemos, segundo Canclini, que a modernização diminui o papel do culto e do popular no conjunto do mercado simbólico, embora não os suprima.

A cultura de consumo invade todas as esferas sociais. E, ao analisar o consumo dos universitários dos anos 90, nota-se que a relação do sujeito com a cultura de massa toma novas feições. Não é possível delimitar precisamente o público da música considerada “boa” e da música “massificada”. O universitário nos dias atuais reivindica o direito ao consumo indistinto: “Por que quem gosta de música clássica é melhor do que quem gosta de música sertaneja? Esse “melhor” é puro preconceito dessa sociedade hipócrita em que vivemos. Queremos ser diferentes, mas na verdade somos tão conservadores como nossos pais” (23 anos, Ciências Sociais).

Ao demonstrar que a indústria cultural no Brasil dos anos 60 era incipiente e havia, na academia, um certo silêncio quanto à possível existência de uma cultura de massa – pois

discutia-se ainda a construção de uma cultura nacional –, Ortiz (1988) nos oferece uma pista importante para entender a fala dessa estudante que reivindica o direito de consumir qualquer estilo musical. Ortiz nos lembra que estamos tratando de duas ordens sociais diferenciadas. Toda a conjuntura dos anos 60 e 70 oferecia bases para que a ligação entre arte e política se realizasse. Naquele momento, ressaltava Ortiz, falar em cultura era o mesmo que discutir os destinos políticos do país. O Brasil ainda se via como um projeto a ser realizado.

Uma pesquisa realizada por Dias (2000), nos traz a outra ordem social: os anos pós ditadura, pós Guerra Fria, pós utopias. Tempo em que o Brasil moderno se impõe. Ao analisar o funcionamento da indústria fonográfica, Dias demonstra que aquela indústria cultural incipiente dos anos 60 se consolidou nos anos 80 com avançadas tecnologias. Dessa forma, a diversidade própria da mundialização (que não elimina a particularidade da indústria cultural), é amplamente difundida pelos meios de comunicação. O consumo indistinto é incentivado a todo momento – direta ou indiretamente.

Analisando os questionários, temos a impressão de que o indivíduo contemporâneo vê a diversidade oferecida pela indústria da cultura como uma coisa natural, como se a função da música fosse apenas a de ser “pano de fundo” dos mais diversos fragmentos da vida contemporânea. Dito de outra forma, a música se tornou um acessório cuja função é intensificar os acontecimentos do dia-dia, ou os sentimentos de quem a escuta (consome). Momentos de tristeza, uma determinada canção ao fundo; uma festa, músicas dançantes; para namorar, canções românticas e assim por diante. A canção torna-se, nesse mundo, uma mercadoria que é consumida, ou para práticas lúdicas, ou por tocar fundo a subjetividade do público. “Romântica, sertanejo e balanço (samba). Depende do meu estado emocional, conforme a

música sertaneja e romântica me deixam no baixo astral, e balanço e samba, levantam meu astral” (Filosofia, 26 anos).

As respostas dadas pelos universitários da FFC confirmaram essa idéia. Atualmente, a música, sobretudo quando *hit*, sucesso musical explosivo, é consumida por tocar a subjetividade do consumidor. O que significa que a canção serve para reforçar os sentimentos imediatos, o estado emocional momentâneo do indivíduo. O consumo musical indistinto e rotineiro, apresentado pelos universitários pesquisados, confirma, pois, a função da cultura no capitalismo avançado, isto é, distrair os indivíduos através do consumo. Sabemos que Benjamin (1986) já apontara a distração como a nova função da arte e da cultura na modernidade. Mas conforme ressalta Jameson, a distração de que nos fala Benjamin, foi elevada nas últimas décadas à uma potência nova e historicamente original.

Neste sentido, podemos concordar com Dias, quando diz que, atualmente, embora nem todos gostem de música, todos consomem música. Ou para usar as análises de Adorno,

[...] se perguntarmos a alguém se ‘gosta’ de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furtar-nos à suspeita de que o gostar e não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar ou não gostar. Em vez do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos. Gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. (ADORNO, 1999, p.66)

Ao observar o discurso de uma considerável parcela dos estudantes da FFC, as palavras de Adorno fazem sentido. Muitos estudantes nos mostram, mesmo que nas entrelinhas, que *o gostar* de determinados gêneros musicais está intimamente ligado ao *reconhecê-los*. Por exemplo, perguntamos para os estudantes qual foi o último *show* musical assistido e, curiosamente, o do grupo musical baiano Terra Samba foi o mais citado. Foi visto até mesmo por

aqueles estudantes que não citaram a música baiana entre suas preferências musicais.

Outro ponto interessante diz respeito às canções apontadas pelos estudantes como sendo as de suas preferências. Através destas, encontramos uma geração que reclama de solidão e é formada por um indivíduo sem rumo, a procura de novas utopias. Foram mencionadas muitas músicas que falam justamente desse mundo contemporâneo fragmentado, como, por exemplo, a canção “Socorro” de Arnaldo Antunes, citada por um estudante como a que mais lhe dizia respeito: “socorro / eu não estou sentindo nada / nem fome, nem calor, nem frio / não vai dar mais pra rir nem chorar / [...] socorro alguém me dê um coração / que esse já não bate nem apanha”. Muitos outros universitários discorrem sobre a solidão na sociedade atual no momento em que apontam as canções de suas preferências.

O amor também foi um tema colocado através dos trechos de canções apontadas. Um estudante recorreu a um trecho de Chico Buarque (“amou sua mulher como se fosse a última”), e argumentou que essa letra lhe diz respeito porque queria “estar possuído por um sentimento semelhante: conseguir amar” (Filosofia, 18 anos). Outro nos contou que se emociona ao ouvir o trecho “sem você eu sei que não teria / nenhuma razão para viver / é por você que eu canto”, interpretada pelo sertanejo Leonardo, por lembrar de “quando perdeu um namorado” (Ciências Sociais, 28 anos).

Reiteramos que o universitário justificou pela identificação pessoal suas preferências por determinadas músicas e, conseqüentemente, que o consumo é pautado justamente pela subjetividade. É o que demonstra um aluno (Pedagogia, 20 anos) que diz gostar muito de uma canção sertaneja (“a saudade é um prego, coração é um martelo, dói no peito e dói na alma e vai virando flagelo”), porque o faz lembrar a cidade onde mora. É também o caso do aluno

que cita um trecho da canção romântica chamada “Vida Cigana” cantada pelo cantor sertanejo Daniel (“Oh meu amor não fique triste, saudade existe pra quem sabe ter, minha vida cigana me afastou de você[...]”) e justifica: “me lembra um grande momento do passado” (19 anos, Fonoaudiologia).

Enfim, nossa pesquisa encontrou o que Jameson considera “sujeito esquizofrênico”, um sujeito coletivo descentrado, marcado pelo individualismo mais profundo. Neste sentido, o consumo indistinto reflete justamente a fragmentação de nosso interlocutor, no caso, o universitário da FFC. Portanto, independente de participar ou não de movimentos sociais e culturais, de ter uma posição política clara, o universitário dos anos 90 endossa o público consumidor daqueles produtos da cultura de massa. Esta cultura, entendida aqui como aquela cultura ampla que abrange um grande número de consumidores e é considerada, pela crítica, sem conteúdo artístico. Para usar as palavras de Teixeira Coelho, seriam os produtos de entretenimento.

Apontamos, no decorrer do texto, a tentativa feita por alguns autores contemporâneos para o entendimento desse quadro atual, quando a cultura parece tornar-se nossa “segunda natureza”, e as fronteiras que antes definiam o mundo moderno parecem desaparecer. Apesar das várias apostas, grande parte dos autores entende que as mudanças têm ocorrido rápido demais, e por isso mesmo é importante enfatizar que ainda é muito cedo para concluirmos uma análise precisa sobre os dias atuais. Por isso, nossa pesquisa pretendeu apenas levantar algumas questões sobre o consumo musical contemporâneo, deixando para o tempo o papel de mostrar as conseqüências dessas mudanças.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: ADORNO, T. W. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).
- _____. Sobre a música popular. In: COHN, G., ADORNO, T. W. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAIHANA, A. M. *A linha evolutiva prossegue: a música dos universitários*. In: WISNIK, J. M. *Anos 70: música popular*. Rio de Janeiro: Europa, 1979.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense,1993. (Obras escolhidas, V.1).
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras,1986.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. USP, 1998.
- CARDOSO, I. A. R. *Sobre a universidade dos anos 90*. São Paulo: Ed. USP, 1992.
- COELHO, T. A revolução silenciosa. *Folha de São Paulo*, 12 abr.1998. Caderno Mais!, p. 2.
- _____. *Guerras culturais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- DIAS, M. T. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- GULLAR, F. *Vanguarda e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1969.
- GONÇALVES, M. A. Os quatro anos que balançaram o “tchan”. *Folha de São Paulo*, 9 out. 1998. Folha Especial, p.6.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- HOLLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JABOR, A. Vivemos a grande pagodização da cultura brasileira. *Folha de São Paulo*, 13 abr.1999. Folha Ilustrada, p.5.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. Reificação e utopia na cultura de massa. *Crítica Marxista*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-25, 1994.

GARCIA, M. A.; Vieira, M. A. (Org.). *Rebeldes e contestadores – 1968: Brasil, França, Alemanha*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

NOVAES, A. (Coord). *Anos 70: música popular*. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAES, J. P. Sobre a música brasileira. In: BOSI, A. (Org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

RIDENTI, M. Breve recapitulação de 1968 no Brasil. In: GARCIA, M. A.(Org). *Rebeldes e contestadores*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1999.

_____. *Em busca do poio brasileiro*. São Paulo: Record, 2000.

SCHWARZ, R. Política e cultura: 1964 - 69. In: _____. *O pai de família e outras histórias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SILVA, F. B. A emergente cultura de massa é estridente e arrivista: bregas e bárbaros são os novos-ricos da cultura. *Folha de São Paulo*, 9 out.1998. Caderno Mais!, p.2.

TINHORÃO, J. R. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

VASCONCELLOS, G.: *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

YOSHIDA, T. M. *Os alunos de ciências sociais na encruzilhada da ciência com a magia*. *Revista Plural*, n. 2, 1995. São Paulo: Ed. USP, 1995.

SOBRE A MULTIPLICIDADE ROMÂNTICA

Alexandro Henrique PAIXÃO¹

A VISÃO DE MUNDO ROMÂNTICA E O SENTIMENTO ANTICAPITALISTA

A Inglaterra, Alemanha e França são as nações que sentiram as primeiras manifestações do Romantismo nos séculos XVIII e XIX. Do ponto de vista histórico, a Europa está sofrendo inúmeras transformações. Estamos falando dos efeitos da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e, conseqüentemente, dos acontecimentos que acompanham ambas as revoluções. No plano das idéias a Enciclopédia, expressão do Iluminismo, imprimiu na sociedade europeia um novo modo de pensar, onde a “razão” buscava libertar os homens dos dogmas clericais. Outro fato importante do período foi a Revolução Americana, que apontava para a prosperidade da Democracia Liberal. Já, do ponto de vista estético, as formas clássicas que haviam dominado toda a arte europeia até então cede lugar para outros estilos artísticos. Trata-se, pois, de um período que “[...]Torna possível o enriquecimento da expressão com a soma variada das aspirações, ansiedades e contradições interiores, no tom pessoal que exprime o mundo individual do artista. [...] O sentido da aventura e da criação é a única lei imposta pelo romantismo, o que permite que cada escritor possa conceber sua poética” (CANDIDO; CASTELO. 1985, p.157). Desta forma, notamos que, entre final do século XVIII e início do XIX, ocorreram transformações econômicas, políticas, filosóficas, sociais e artísticas, transformações essas que propiciaram o aparecimento de um sentimento, uma visão

¹ Aluno do PETCiências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília - SP, durante o período 1999 a 2001. Orientadora do trabalho: Isabel Maria Loureiro, Profa. do Departamento de Filosofia

de mundo romântica. Mas em que, propriamente, consiste essa visão romântica?

Para Arthur O. Lovejoy (LÖWY ; SAYRE, 1995, p.28), a palavra *romântico já* significou um tão grande número de coisas que, em si, não significa nada. Tal afirmação se fundamenta na idéia de que o romantismo é carregado de uma multiplicidade nacional e cultural, a ponto de ser possível falar de “romantismos”, mas não de um romantismo universal. Löwy, também reconhecendo a multiplicidade do romantismo, entende que “[...] não existe análise global do fenômeno que leve em consideração toda a sua verdadeira extensão e multiplicidade” (1995, p.28). O reconhecimento da multiplicidade cultural do romantismo permite que este seja entendido como uma visão de mundo: “[...] uma *Weltanschauung* que se manifesta sob as mais diversas formas” e “[...] abarca com o olhar o conjunto dessa vasta paisagem cultural que se chama romantismo” (1995, p.19). De um modo geral, porém, o romantismo ficou conhecido principalmente por suas características artísticas, o que acabou restringindo esse fenômeno à esfera da estética.

Para Löwy e Sayre, “o modo de ser e de pensar” da sociedade européia do século XIX é, por essência, uma reação contra o modo de vida da sociedade capitalista:

[...] para nós, o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da ‘estrela da revolta’ e do ‘sol negro da melancolia’. (1995, p. 34)

A idéia de que o romantismo se realiza enquanto crítica da sociedade moderna, foi definida por Lukács como sendo anticapitalista; o romantismo seria por essência anticapitalista. Partindo do pensamento de Marx, de que “*as idéias de uma sociedade são as idéias da classe dominante*”, Lukács defende que podemos pensar o romantismo enquanto

um fenômeno burguês, ou seja, através de uma perspectiva burguesa, os românticos irão realizar sua crítica à sociedade capitalista, sendo, o romantismo, por isso, ao mesmo tempo, expressão da defesa do progresso burguês e crítica desse progresso. Esta aparente contradição é entendida como uma falsa contraposição entre o racionalismo burguês (que defende toda e qualquer forma de progresso realizado pelo capitalismo) e o irracionalismo romântico (caracterizado por um sentimento anticapitalista e nostálgico), que busca no presente “moderno” o que existia antes, no passado, quando o modo de produção capitalista ainda não existia.

Lukács indica que existe um contraste necessário entre a defesa burguesa do progresso (racionalismo² burguês) e a crítica romântica (irracionalismo);³ com a crítica romântica “[...] desenvolve-se uma apologética mais complicada e pretenciosa, mas não menos mentirosa e eclética, da sociedade burguesa: sua apologia indireta, sua defesa a partir de seus ‘lados maus’” (LUKÁCS, 1992, p.114). Assim, a posição romântica diante da realidade pode até ser crítica, mas esta crítica não ultrapassa a superfície dos fenômenos, permanece na imediaticidade dos fatos, demonstrando assim ser incapaz de superar suas raízes reacionárias envolvidas pelo laço do ecletismo⁴ (1992, p.120).

Para Lukács, o romantismo não procura romper com o presente capitalista, isto é, superá-lo, portanto, para esse autor, o romantismo é determinado por um elemento conservador. Dessa forma, a essência do romantismo é a busca da realização do indivíduo burguês, dentro dos limites

² De acordo com Lukács, racionalismo é uma direta capitulação, covarde e vergonhosa, diante das necessidades objetivas da sociedade capitalista (LUKÁCS, 1992, p.127) e,

³ Irracionalismo é um protesto contra a sociedade capitalista, mas impotente e vergonhoso, igualmente vazio e pobre de pensamento (LUKÁCS, 1992, p.127).

⁴ O ecletismo é aqui entendido como a filosofia burguesa que se desenvolve no século XIX, sendo esta “fruto da decadência ideológica da burguesia” (LUKÁCS, 1992, p.120).

da sociedade burguesa; o romântico busca sua expressão nas artes, na literatura, na boêmia, no amor, no abandono das cidades e na ida para o campo. A crítica romântica, pode até tentar balançar o edifício capitalista, mas no final deixa bem firmes seus pilares, sua base. As saídas românticas a partir das ilusões perdidas renunciam o presente criticando-o, mas buscam alternativas dentro do próprio universo capitalista. O manifesto romântico se realizaria apenas enquanto alternativa para satisfazer os anseios e aliviar o peso das angústias da modernidade. Partindo dessa idéia, o romantismo pode ser entendido como “[...] uma corrente reacionária que tende para a direita e para o fascismo” (LÖWY; SAYRE, 1995, p.34), e por isso pode ser considerado um movimento conservador por essência, que se constitui “[...] para resistir às ameaças contra a destruição humana pela lógica do capital” (PINASSI, 1998, p.24).

A contribuição de Lukács se dá na medida em que explora a relação entre objeto artístico, realidade social e econômica na literatura, e ainda, quando cria o conceito de “anticapitalismo romântico”. Ao analisar o movimento romântico dentro da particularidade européia, Lukács, entendeu esse fenômeno a partir da visão anticapitalista de mundo. Todavia, ao contrapormos essas idéias ao romantismo brasileiro, veremos que elas ficam “fora do lugar”.

Pensadores brasileiros como Pinassi (1998) e Löwy (1995) partem dessa idéia lukácsiana. Pinassi ao analisar nossos “primeiros românticos”, apesar de ressaltar a importância de localizá-los em condições particulares diante do romantismo enquanto fenômeno universal, questiona se os pressupostos defendidos pelos autores da revista *Niterói* eram essencialmente românticos, visto que não apresentavam em seus textos uma visão anticapitalista de mundo. Löwy, muitas vezes, empresta o termo lukácsiano para explicar uma série de manifestações contra o espírito do capitalismo, como por exemplo os movimentos sociais do final do século XX. Portanto, se partirmos do pressuposto que a realidade

brasileira deste período (Império) é uma particularidade do capitalismo moderno, pode-se considerar que a crítica romântica feita pelos nossos românticos, pode ser entendida, em última instância, como negação ao modo de vida capitalista imposto por Portugal; portanto, o nosso romantismo possuiria este caráter anticapitalista.

Mas ao pensarmos em um romantismo como o nosso, tão recente, em um país de capitalismo atrasado e colonial, questionamos: qual seria o sentido deste espírito de negação? É preciso recorrer à realidade histórica para perceber que os tipos de reações em relação ao presente, feita pelos nossos românticos, são ainda bastante germinais e oscilam entre antilusitanismo e antiescravagismo. Além disso, é necessário reconhecer os limites pessoais e da época, onde se encontravam nossos românticos, pois dificilmente podemos exigir desses homens em condições tão particulares, nossa visão atual e crítica da modernidade.⁵

Neste sentido, concordamos com Antonio Candido quando este define o romantismo como um espírito de negação do presente, não explicitando se o sentido da negação é capitalista, escravista ou feudal. Segundo ele, o romantismo surge como movimento de negação, quando parte de um novo juízo: “[...]concebe de maneira nova o papel do artista, o sentido da obra de arte. [...] Não há dúvida que uma das causas de semelhante estado de espírito se encontra no triunfo da cultura urbana contemporânea.” (CANDIDO, 1969a, p. 22 , 29).

O romantismo brasileiro se constitui, principalmente, enquanto um movimento de afirmação da realidade brasileira, em oposição à dominação portuguesa.

Nossos [...] poetas, teatrólogos, escritores de ficção, jornalistas, publicistas, oradores, historiadores e escritores de livros didáticos – contribuíram decisivamente para a

⁵ Para aprofundar esta questão, consultar: SCHWARZ, 1997; COSTA, 1996; IANNI, 1994.

formação de uma consciência nacional, isto é, para a formação da consciência de uma realidade brasileira, com sua história, com a sua geografia (física e humana), com a sua conjuntura política, social e econômica, com as peculiaridades de sua gente. (AMORA, 1968, p.43)

A literatura romântica no Brasil é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto (CANDIDO, 1969a, p.18), ou seja, o romantismo tinha como principal intenção fazer um pouco de nação ao fazer literatura, buscar definir a identidade nacional, em oposição ao domínio português. Portanto, ser romântico no Brasil não é ser contra o capitalismo, pelo contrário, é ser a favor da construção de uma nação brasileira, “com sua base física, com sua história e com sua destinação” (AMORA, 1968, p.44).

O leitor, ao entrar em contato com nossa literatura romântica – por exemplo, com a poesia/prosa de Fagundes Varela, um dos nossos grandes românticos da década de 60 -, verá que no Brasil, mais especificamente na província de São Paulo, uns dos focos de desenvolvimento do nosso romantismo, a cidade vive longe de possuir o ambiente social da moderna civilização européia; por isso se indagará qual a essência desse romantismo que nasce em um ambiente tão atrasado e conservador como São Paulo. Veremos que este espírito de negação estará presente nos nossos românticos, mas ainda é necessário realizar uma investigação mais circunstanciada para apreender se em algum momento essa negação é anticapitalista.

Para ilustrar essas questões que envolvem nossa particularidade dentro do Romantismo como um todo, citamos mais uma vez Antonio Candido, que disse ser preciso “[...] um esforço para fazer justiça aos vários fatores atuantes no mundo da literatura” (CANDIDO, 1969a, p.17).

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS “ROMANTISMOS”

Estabelecidas nossas condições particulares dentro do romantismo enquanto um movimento mais geral, e definido o sentido da negação romântica no Brasil, voltaremos nossa atenção, primeiramente, para o romantismo europeu, onde ressaltaremos algumas de suas características principais, partindo em seguida para uma breve exposição sobre o romantismo brasileiro.

O romantismo europeu não deve ser entendido apenas como fruto das decepções com a Revolução Francesa ou com a Revolução Industrial, mas, em um sentido mais amplo, como resposta ao advento do capitalismo. O movimento romântico surgiu como uma luz que se refletiu nos “[...] entusiasmos e paixões, nos vôos do pensamento e do idealismo, nas teorias, nas aspirações e nas ilusões, nos empreendimentos artísticos”. O romantismo significou, ainda, um “[...] anseio de descobrir e recuperar o seu eu autêntico e exprimi-lo totalmente, de modo criador”. Todavia,

[...] os românticos suspiravam não por encontrar a mesma verdade universal, mas, sim, por chegar ao conhecimento da realidade, por um caminho muito seu. Isto seria conseguido, não mediante o raciocínio mas através dos sentidos, do sentimento, da imaginação, do instinto, da paixão, do sonho e das recordações. (TALMON, 1967, p.144)

Embora esteticamente, o romantismo se constitua de múltiplas faces e seja carregado de muitas cores, fantasias e imaginações, o papel da história também é fundamental para entendermos esse fenômeno. As violentas mudanças nas tradições e idéias, que tiraram as certezas e o conforto da igreja ao afastar os homens dos dogmas religiosos, derrubaram também as verdades universais e eternas dos filósofos iluministas, e ainda, se acrescentarmos o desconcertante impacto da Revolução Industrial, a alteração da existência rural e o sentido de alienação, conseguiremos entender o universo em que estava inserido o romantismo na Europa.

Ali a visão romântica de mundo é caracterizada, segundo Löwy e Sayre,

“pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados. [...] A alma, núcleo do ser humano, vive aqui e agora longe de seu verdadeiro lar ou de sua verdadeira pátria. O que deseja de forma mais ardente é encontrar, de novo, seu lar, voltar à pátria, no sentido espiritual, e é precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica. (LÖWY ; SAYRE, 1995, p. 40)

Em Löwy, o romantismo busca apoderar-se de um momento do passado real, quando não existia a nefasta modernidade e nem os valores humanos haviam sido sufocados, para tentar recriar o passado no presente em virtude da poetização ou estetização do presente. Este tipo de comportamento produz o que se denominou alegorias românticas, como o surgimento do sobrenatural, do fantástico, do onírico na criação artística, ao se criar um mundo de beleza, formado pela imaginação no momento em que é concebida a obra de arte.

A nostalgia como uma composição romântica é fruto do desencanto e reprovação do homem em relação à moderna sociedade capitalista. Conseqüentemente, os sentimentos de revolta e melancolia são mais freqüentes nos românticos; aliás, este tipo de comportamento é uma característica da escola romântica européia e seria dos outros romantismos que surgiriam posteriormente, como é o caso do romantismo brasileiro.

No Brasil, a escola romântica da Faculdade de Direito de São Paulo, produziu importantes representantes do nosso romantismo como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, entre outros que viveram esse romantismo marcado pelos sentimentos de revolta e melancolia na literatura. Fagundes Varella - o último byroniano da Faculdade de Direito, como denominou Antonio Candido - foi um seguidor fiel desse romantismo,

que no Brasil ficou conhecido como a Escola Byroniana. O jovem Varella, estudante de Direito na década de 60, na pacata cidade de São Paulo, seria em vida e em poesia reflexo das idéias de Byron (romântico inglês). A revolta e melancolia são sentimentos que estarão presentes em outras gerações românticas, tanto brasileira quanto européia, demonstrando um ponto em comum entre os romantismos. Esses sentimentos seriam a expressão do espírito de negação do presente, existente nos românticos.

O historiador Guinsburg caracteriza também esse estado nostálgico como consequência do desencantamento e reprovação à sociedade capitalista, o que corresponde ao espírito de negação do presente:

Por trás da atração dos cenários naturais, da fruição voluptuosa da paisagem – ‘a variedade, a grandeza e a beleza de mil espetáculos surpreendentes’. Que Saint-Preux já descrevia a Júlia; por trás do nomadismo desses aprendizes [...]; por trás do nomadismo geográfico, que vai de Chateaubriand a Gerard de Nerval, a busca do sublime ou do exótico, dos recantos solitários que tranqüilizam, das paisagens remotas que acendem o desejo da terra paradisíaca, ou de lugares em ruínas, abandonados pelo homem, que despertam a nostalgia da terra perdida – por trás desses aspectos do culto da Natureza, enquadrados num confronto dramático com o mundo, está silhueta a tácita insatisfação com o todo da cultura, misto de afastamento desencantado e de reprovação à sociedade [...]. (NUNES, 1993, p.69)

Além das manifestações anticapitalistas e nostálgicas, compõem o romantismo de modo geral, as seguintes características: a ruptura do equilíbrio da vida interior, com o triunfo da intuição e da fantasia, as quais alimentam o contraste entre as aspirações e a realidade; a oposição ao predomínio da razão, razão que levava os clássicos a aceitarem a vida e a sociedade de modo relativamente pacífico. Contrariamente aos clássicos, os românticos experimentam uma insatisfação com o mundo contemporâneo, manifestada por sentimentos de inquietude,

tristeza, aspiração vaga ou imprecisa, anseio de algo melhor do que a realidade, inconformismo social, ideais políticos e de liberdade, entusiasmo nacionalista. Torna-se importantíssima a vida sentimental, o que leva a uma atitude intimista e egocêntrica, já que o coração é a medida mais exata da existência. Cultiva-se o amor e a confiança, ou se dispõe à renúncia e ao isolamento, e por aí se procura uma identificação essencial com a natureza. Também se alimenta do sentimento religioso, vibra-se com a pátria e se irmana com a humanidade (CANDIDO, 1985, p.158).

Amor, religião, sentimento da natureza e da sociedade são as grandes constantes do lirismo romântico, na poesia sobretudo, mas também na prosa (CANDIDO, 1985, p.159). Estes diversos elementos que compõem o romantismo, ou seja, os sonhos, a fantasia, o culto à natureza, o sofrimento em relação à cultura e a sociedade moderna, o isolamento social, o desejo pela morte, etc., além de outros elementos do romantismo europeu, estarão presentes no romantismo brasileiro.

De um modo geral, o romantismo brasileiro se caracterizou pelo seu caráter nacionalista, ou seja, coincide com o momento decisivo da definição da nacionalidade, com propósitos expressos de reconhecer e valorizar o nosso passado histórico, embora recente, as nossas origens americanas, as tradições e lendas esboçadas, e de investigar nosso folclore. É um romantismo que conta com as múltiplas e simultâneas influências européias sobre nossa sensibilidade e os nossos ideais patrióticos (CANDIDO, 1985, p.167).

Os nossos principais ícones são Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Junqueira *atesta o esforço e reconhecimento* Freire, Fagundes Varela, Castro Alves, além de outros. A presença dessas grandes figuras “[...] de uma tradição literária brasileira, ainda que somente esboçada, durante o seu processo de diferenciação da literatura portuguesa” (CANDIDO, 1985,

p.167). Nesse caso, vemos quanto é importante a questão de um estilo e linguagem brasileira, que além de outros nomes teve em José de Alencar um importante precursor. Para Antonio Candido “[...] o subjetivismo romântico, as suas cogitações morais, a sua religiosidade, ou com a interpretação do ser individual, cultivamos a visão total da nacionalidade, da nossa paisagem física e social, da nossa sensibilidade, valores e tradições, das lutas sociais e políticas do momento” (CANDIDO, 1985, p.167).

Enfim, nesse primeiro momento, conhecemos o romantismo em suas diversas manifestações, em solo europeu e depois nacional. Essas considerações gerais se fundamentam na medida em que nos apresentam os traços mais marcantes *dos romântismos*. O romantismo é um fenômeno que surge junto com o desenvolvimento da moderna sociedade capitalista. No entanto, a multiplicidade cultural que envolve esse fenômeno, fruto do seu desenvolvimento em direção a outros lugares da Europa e para além-mar, reuniu no romantismo um grande número de cores, a ponto de só o conseguirmos entender quando analisado dialeticamente sua particularidade e universalidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. *O belo e o disforme*. São Paulo: Edusp, 1998.
- AMORA, A.S. *O romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1968, v.2
- BRESCIANI, M.S.M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1969a, v.1-2.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969b.
- CANDIDO, A ; CASTELLO J.A. *Presença da literatura brasileira história e antologia: das origens ao realismo*. São Paulo: Difel, 1985.

- CAVALHEIRO, E. F. *Fagundes Varella*. 3 ed. São Paulo: Martins, 1953.
- COSTA, E. V. *Da senzala à colônia*. São Paulo: D.E.L., 1966.
- GUINSBURG, J. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- HOBSBAWM, E.J. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- IANNI, O. *A idéia do Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOWY, M. ; SAYRE, R. *Revolta e melancolia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LUKÁCS, G. Para uma crítica marxista da sociologia. In:____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1992. cap. 2.
- _____. Introducción. In:____. *El asalto a la razón*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1968.
- NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PINASSI, M.O. *Três devotos, uma fê, nenhum milagre*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- VARELA, L.N.F. Poesias completas. Organização e Apuração de texto de M. Tâti e E.C. Guerra. São Paulo: Cia Nacional, 1957.v.1.
- SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In:____. *Ao vencedor as batatas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- TALMON, J. L. *Romantismo e revolta*. Lisboa: Verbo, 1967.

DAS ALDEIAS PARA AS CIDADES: O CASO DOS TERENA

Graziella Reis de SANTANA¹

INTRODUÇÃO

O Estado do Mato Grosso do Sul possui, hoje, segundo dados da FUNAI, um dos maiores índices de população indígena vivendo nos centros urbanos. Só na capital, Campo Grande, foram constatados aproximadamente 5.000 indígenas - e desses -, cerca de 2.500 são índios Terena. Esse processo de transferência da aldeia para a cidade, teve início na década de 1950, com a vinda de apenas algumas famílias Terena para a cidade de Campo Grande; desde então o processo vem se intensificando e a cada ano aumenta o número de índios Terena vivendo na sociedade urbana.

Primeiro, destacaremos alguns aspectos da cultura tradicional Terena, e demonstraremos, pela trajetória que percorreram antes da chegada na cidade, suas formas de contato com a sociedade envolvente, bem como as situações a que foram submetidos, reunindo assim elementos necessários para a compreensão do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências para a comunidade em questão, conforme proposta deste trabalho.

ORGANIZAÇÃO CULTURAL DOS TERENA

As bibliografias a respeito dos Terena são comparativamente menores com relação as bibliografias referentes às outras etnias Guaná (Kinikinau, Exoaladi e

¹ Aluna de Ciências Sociais, bolsista do grupo PET/ SESU durante o período 1999 a 2001. Orientador do trabalho: Prof. Dr. Sérgio Augusto Domingues. Faculdade de Filosofia e Ciências/ UNESP-17525-900- Marília, SP.

Layana). Apesar de o século XVIII ser considerado a idade de ouro da literatura sobre o Chaco, poucas referências são feitas aos Terena. É a partir de 1844-45, com Castelnau, que veremos uma literatura a respeito desse grupo.

Portanto, dada as dificuldades em se retratar um quadro geral sobre a organização cultural Terena, os aspectos que aqui serão apontados são aqueles considerados relevantes para a compreensão da tradição Guaná e que encontram-se melhor documentados pelos cronistas da época. Destacaremos alguns pontos da organização social e do processo de estratificação, bem como aspectos da antiga vida cerimonial.

A organização social demonstrada pelos cronistas aponta que as famílias Terena formavam uma unidade econômica e cooperativa (especificamente agrícola), na qual as tarefas como preparo do solo, caça e fabricação de instrumentos cabiam aos homens, enquanto que o plantio, a colheita, a cozinha e a tecelagem eram funções das mulheres. Numa casa viviam marido, mulher, filhas e filhos solteiros, genros e netos. As casas (Ovokúti) se distribuíam na aldeia ao redor de uma praça central (Nónevokúti), ficando as roças e plantações separadas:

Na aldeia havia cerca de 100 a 120 casas unidas umas as outras. Eram longas cabanas formando um círculo em torno de uma grande praça. Parecem grandes ranchos cobertos com imensos tetos de galhos de palmeiras. (CASTELNAU, 1949)

Socialmente, os Terena se dividiam em duas metades endogâmicas e simétricas em suas relações: a Sukirikionó (caracterizada pela maturidade, seriedade e tranqüilidade), e a Xumonó (caracterizada pela juventude irrequieta e brincalhona). Essa divisão era mais aparente, segundo etnólogos como Oberg e Altenfelder, durante a época das colheitas, quando ocorriam festividades como o Oheokoti onde as duas metades deveriam assumir comportamentos

diferentes: os Xumonó, mostrando-se brincalhões e provocativos, e os Sukirikionó, tranquilos, não podiam revidar as brincadeiras dos primeiros.

Sobre a origem das metades, existem diferentes versões – a do missionário Rattray-Hay, e as dos antropólogos Hebert Baldus, Castelnau, Altenfelder Silva e Cardoso de Oliveira – entre outras. Todas, no entanto, coincidem em um ponto: no da existência do mito do herói civilizador Yurikoyuvakái. Este herói, caracterizado como o provedor do fogo e de alguns utensílios, foi dividido com uma foice, após uma discussão com sua irmã Livéchechevéna (em outras versões, a mãe), dando origem a duas personalidades distintas (em outras versões, dois irmãos gêmeos). Grande parte desses autores demonstraram que a metade Sukirikionó era superior e mais forte – mas somente nos períodos de festas – que a metade Xumonó:

Na vida cotidiana, os membros das metades não se distinguiam uns dos outros por sua aparência, nem moravam em locais separados. Durante as cerimônias, porém, havia mudança radical: os “bravos” (Xumonó) tinham o direito de pregar peças bastante pesadas aos membros da outra metade, que os brandos Sukirikionó deviam suportar com humildade, sem zangar-se, podendo reagir apenas com gracejos e pilhérias. Tais liberdades, no entanto, eram restritas rigorosamente ao período de cerimônias Oheokoti, na época da colheita; fora disso as metades tinham posição igual. (ZERRIES; 1963, p. 108)

As metades também desempenhavam um importante papel na regulamentação da vida social, especificamente na regulamentação do matrimônio, os casamentos eram feitos dentro das próprias metades. Cada uma das metades se dividia ainda em três camadas, também endogâmicas, a saber:

- Naati ou Naati-Atxé, que representava os caciques ou “chefes do povo” e sua parentela.
- Waherê-Txané ou Maxati-Txané, representando os homens comuns ou o povo;

- Kauti, que seriam os cativos, geralmente obtidos na guerra.

Cada aldeia Terena possuía um cacique Naati-Atxé para os Sukirikionó e um para os Xumonó, e a transmissão desses cargos ocorria de forma hereditária dentro da classe Naati. No caso de morte de um cacique, seu filho mais velho deveria substituí-lo, e o rito da posse era realizado na festa do Timé. Os Waherê-Txané constituíam a maior parte da aldeia, *a gente comum*; também não permitiam o casamento fora de seu grupo. A camada Kauti foi incorporada posteriormente na estrutura Guaná, compondo-se de, em sua maioria, crianças obtidas em expedições e conflitos com outras etnias. A captura visava muito mais o prestígio do que o aliciamento para trabalhos agrícolas; o fato de serem crianças e crescerem junto aos Terena facilitava a integração e a participação (dos cativos) nas demais atividades desenvolvidas na aldeia.

Segundo alguns autores, a incorporação da camada Kauti deveu-se ao processo de interação intertribal entre os Terena e os Guaikuru (que possuíam em sua estrutura a camada dos cativos). Apesar de muitos cronistas na época classificarem os Terena como escravos dos Guaikuru, a relação estabelecida entre eles era essencialmente de alianças: de um lado os Terena forneciam produtos agrícolas – o que não era sacrifício dado às atividades permanentes de plantio – e os Guaikuru – com amplos domínios adquiridos durante confrontos em algumas regiões do Chaco – forneciam ferramentas, cavalos e proteção contra possíveis ataques. Essa relação influenciou os Terena na constituição de uma camada que também viesse a lhes trazer algum *status* frente às outras tribos. Alguns autores chegam a mencionar que da mesma forma como os Terena agiram com os Guaikuru (ou seja, buscando antes alianças do que uma luta direta, perpetuando assim suas comunidades) agiram como os primeiros colonos.

Como já mencionamos, a estratificação entre as camadas impossibilitava a mobilidade e os casamentos entre estratos diferentes, contudo, essa endogamia poderia se reverter e se modificar quando um Terena (Naati, Waberê ou Kauti), conseguindo obter sucesso em uma batalha, ganhava o título de Xuna-Xati. Essa “condecoração” proporcionava ao guerreiro o direito de escolher sua esposa em qualquer uma das camadas, além da ascensão à camada superior e a obtenção de maior prestígio na comunidade:

Xuna-Xati era, em suma, o matador, o guerreiro que se destacava no campo de batalha matando um adversário... Na esfera matrimonial, o papel desempenhado pela instituição de Xuna-Xati foi de suma importância. Veio a quebrar uma endogamia de camada, que em termos estruturais, tendia a ser absoluta. (OLIVEIRA, 1968, p.28)

Outro personagem fundamental para a compreensão da organização cultural Terena é o Koixomuneti. Além de invocar os espíritos pedindo proteção e cura, o xamã é o protagonista de festas religiosas de grande mobilização e importância, como o Oheokoti. (festa que ocorria sempre quando as Plêiades atingiam seu ponto máximo no céu, entre abril e maio).²

Castelnau presenciou uma dessas festas em maio de 1845, e constatou que a participação da comunidade era intensa, todos trabalhavam na colheita e preparo dos alimentos, na busca do mel para fazer o “licor espiritual”, na confecção dos adereços utilizados nas danças, etc. Os Koixomuneti dirigiam as festas, escolhiam aqueles que iriam dançar e tocar, como também as comidas que seriam servidas. Durante vários dias todos se mobilizavam em torno dos xamãs, que tanto intercediam pelos espíritos dos mortos como pelas colheitas.

Durante o ritual, as metades Sukirikionó e Xumonó escolhiam representantes para se confrontarem numa dança conhecida como Bate-Pau. Essa dança demonstrava

² Plêiades é o nome dado ao aparecimento da constelação das sete estrelas, quando estas atingem seu ponto máximo no céu.

claramente as diferenças entre as duas camadas: os Sukirikionó provocavam e os Xumonó deveriam aceitar a provocação, de uma forma pacífica. Ao final, os Koixomuneti declaravam empate na luta entre as duas metades, apesar da aparente superioridade e força do representante Sukirikionó.

Cardoso de Oliveira, ao falar sobre as festividades, dizia que estas eram de vital importância para a comunidade Terena, pois além de sua “função manifesta” elas manteriam, de uma certa forma, a solidariedade tribal e fortaleceriam a consciência de grupo.

MOBILIDADE ARUAK

Estudos comprovam (MARTINS, 1992) que homens pré-históricos habitaram, há aproximadamente 11 mil anos, a região do que é hoje o Estado do Mato Grosso do Sul. Estes grupos seriam, provavelmente, originários das levas que vieram do norte e do ocidente, e depois do sul do continente sul-americano, sempre guiados pelos cursos fluviais.

Segundo Souza (1973), pelo menos 4 grandes famílias povoaram o território sul-americano, “oriundos de territórios asiáticos norte-orientais e malaio-polinésios”, seriam elas: as do Caribe; as do Gê; as do Aruak e as do Tupi-Guarani.

Os Terena, remanescentes da família Aruak, são conhecidos como provenientes do Chaco Paraguaio, região que abrange territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. Pesquisas recentes comprovam (MANGOLIM, 1993) a existência de características dos povos pré-colombianos e venezuelanos na cultura Aruak, ampliando assim as regiões por onde passaram esses povos.

Os Aruak realizavam deslocamentos pelas regiões abrangidas pelo Chaco, promovendo o intercâmbio de bens “sobretudo no que diz respeito às famosas lâminas de metal

de proveniência incaica e que se tornaram conhecidas antes de os europeus ouvirem falar no Eldorado” (CARVALHO; 1998, p. 459). Procuravam geralmente terras propícias ao plantio, dado a característica agrícola desses povos.

A partir do século XVI, iniciou-se a penetração espanhola em terras chaquenhas a procura de riquezas. Muitas foram as expedições de reconhecimentos, sempre marcadas por um forte genocídio:

Naturalmente a conquista provocou violentas pressões sobre toda região, determinando grande movimentação de povos indígenas, levando a seu decréscimo e ao extermínio de tribos marginais à área chaquenha. (CARVALHO, 1998, p.462)

Os Terena que sempre realizaram deslocamentos ao longo de sua história (povos nômades por tradição), perceberam-se acuados diante das invasões espanholas que, de certa forma, colocavam barreiras em suas locomoções pela região do Chaco. Com isso começaram a descer o Rio Paraguai (século XVIII), em direção ao Sul do Mato Grosso.

OS TERENA NO MATO GROSSO DO SUL

A migração mais expressiva da população Guaná, para as terras do MS, teria ocorrido em meados do século XVIII, mais precisamente em 1767, “momento em que os franciscanos substituíam as missões jesuítas”. Nessa época, pequenas ondas pastoris começavam a ocupar a região, “até então, apenas as bandeiras haviam penetrado naquele território, ou para prear índios ou para atravessar a região rumo ao lendário império incaico” (OLIVEIRA, 1976, p. 55).

Somente no século de XIX, após a guerra do Paraguai (1869), se iniciaria, de fato, um processo de ocupação, pois muitos soldados desmobilizados naquelas áreas não voltaram para suas terras de origem:

Mais do que a guerra em si mesma foi essa segunda onda humana que como sua conseqüência iria proporcionar aos grupos Guaná e, especialmente aos Terena, uma nova situação de conseqüências dramáticas para eles, porquanto determinou o engajamento dessas populações a uma economia de caráter escravista. A esse período referem-se os Terena modernos como ao tempo do cativoiro. (OLIVEIRA, 1976, p.57)

Uma vez espoliados de suas terras por aqueles que resolveram ocupar a região retirando do caminho qualquer “empecilho”, ou mesmo pelo governo do estado que doou terras para garantir as novas fronteiras, os Terena expandiam-se pelas fazendas que estavam surgindo (não raro absorvidos como mão-de-obra cativa) e por outros territórios mato-grossenses-do-sul.

Vale ressaltar, que os Terena foram os últimos indígenas a entrar na guerra do Paraguai, e ainda assim, só o fizeram porque ficaram acuados diante dos conflitos que já adentravam os limites de suas aldeias. Apesar de manterem, até esse momento, pouco contato com a sociedade nacional, os Terena buscavam alianças e se comprometeram a participar do conflito com a condição de que teriam suas terras garantidas, o que de fato não ocorreu.

As famílias que não foram absorvidas pelas fazendas da região saíram em busca de outras terras propícias ao plantio e a constituição de novas aldeias. Evidente que essa nova expansão não era fácil, pois os fazendeiros procuravam a todo custo assegurar todas as terras que lhes fossem possíveis alcançar, como também não era fácil a reconstrução e a reorganização de novas aldeias.

Essa situação perdurou até 1904, momento em que o Marechal Cândido Rondon passava pelas terras do MS construindo as linhas telegráficas. Na época Rondon constatou as dificuldades enfrentadas pela comunidade Terena, e por sua intervenção nas câmaras municipais, algumas reservas foram criadas, e muitos indígenas foram

libertos da situação em que se encontravam. Em 1910, sob a direção do então Serviço de Proteção aos Índios, Rondon deu continuidade ao processo de demarcação das terras indígenas, reagrupando muitas comunidades que estavam dispersas.

A atuação de Rondon e sua comissão foram de vital importância para as comunidades Terena; provavelmente, sem essa ação o número de indígenas e reservas seria bem menor e as complicações bem maiores. Mas, apesar dos benefícios conseguidos, a política indianista desenvolvida na época queria a todo custo integrar o índio à sociedade nacional: as aldeias eram demarcadas próximas aos centros urbanos, o que facilitava e acelerava o processo de transformação e integração.

As áreas demarcadas, além de estarem próximas às cidades que começavam a surgir (devido ao incremento econômico proporcionado pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB), eram sempre muito pequenas, principalmente diante de um número cada vez mais crescente de índios Terena. Diante desse quadro, era inevitável que a tradicional organização Terena sofresse grandes transformações. As segmentações que foram ocorrendo entre as aldeias impossibilitavam certas linhas de relações necessárias para a manutenção da antiga ordem tribal.

Segundo Brandão (1986), os Terena tiveram de se adaptar a essa nova situação reelaborando suas estruturas, ou seja, o que antes era dirigido às camadas e clãs, agora dirige-se à aldeia de origem -"a aldeia de onde eu sou"- ao invés da camada Unati ou Waherê-Txané.

Seja uma reelaboração, ou mesmo a criação de uma nova estrutura, o certo é que esse "arranjo" provocou grandes mudanças na vida da aldeia, mudanças que podem ter afetado toda uma lógica tribal. No entanto, apesar de todas as situações e modificações pelas quais passaram, o

sentimento de unidade, de um “nós Terena”, permaneceu vivo, mesmo entre aqueles que deixaram suas aldeias de origem rumo às cidades, enfrentando novas situações, como veremos a seguir.

MIGRAÇÕES PARA A CIDADE

As cidades já eram conhecidas por muitos, pois com reservas tão próximas aos centros urbanos era quase impossível um jovem não tê-las visitado pelo menos uma vez. Quando retornavam traziam novidades, seja das coisas que viam ou dos objetos que conseguiam comprar.

Cardoso de Oliveira, na década de 1950, observou as primeiras famílias Terena que se instalavam em Campo Grande, na época de seu trabalho de campo (também desenvolvido nas aldeias), constatou que a maioria migrava para as cidades, buscando trabalho remunerado, educação para os filhos e melhorias no campo da saúde. Para o Terena migrante, a vida na cidade representava a elevação de seu nível de vida em relação à aldeia ou a fazenda, contudo, as realidades encontradas não eram nada favoráveis: geralmente instalavam-se nos bairros de periferia e os empregos encontrados mal garantiam a subsistência familiar.

Além de todas essas dificuldades, os Terena sofriam grandes discriminações, levando alguns, naquela época, a situações extremas: a negação de uma origem indígena ou até mesmo (como constatamos em entrevistas) o castigo por parte dos pais aos filhos, quando estes diziam palavras no idioma tradicional.

O que aconteceu é que fomos discriminados, fui discriminado, passei catorze anos da minha formação de vida falando que era japonês, porque era mais fácil - o índio era um preguiçoso e o japonês era trabalhador; o índio era um turrão e o japonês era inteligente, então fui levando essa identidade para poder superar muitas dificuldades. (TERENA, 2000, p. 36)

No entanto, apesar das reações contra uma origem tribal, observadas na época, era muito comum entre eles a formação de linhas de relações na cidade; mesmo com muitos morando longe, iam juntos às festas promovidas nas aldeias. Festas como o Oheokoti, realizada na Semana Santa, que apesar de todas as modificações como a introdução de elementos cristãos, eram bons motivos para rever os parentes que permaneciam nas reservas.

Segundo Cardoso de Oliveira, os Terena não procuravam recriar dentro da cidade uma vida perdida na aldeia, muito pelo contrário, buscavam viver como qualquer cidadão urbano, o que não impedia as linhas de relações, que de certa forma fortaleciam e estimulavam a consciência de grupo.

CONSTATAÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO

Até aqui demonstramos, mediante levantamento bibliográfico, um pouco da história e trajetória dos Terena. Portanto, agora vamos descrever o que constatamos nos trabalhos etnográficos desenvolvidos.³

Apesar da ênfase dessa pesquisa ser a comunidade Terena na cidade, as visitas feitas às aldeias do MS são importantes, pois fornece-nos uma visão maior do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências.

ALDEIA ÁGUA BRANCA

Distante aproximadamente 300 quilômetros da capital, a aldeia Água Branca fica próxima ao município de

³ Janeiro de 1999: visita a reserva Limão Verde, próxima ao município de Aquidauana/MS; Fevereiro, Julho e Dezembro de 1999: visita às famílias residentes em bairros de Campo Grande. Janeiro de 2000: visita a reserva Água Branca, próxima ao município de Taunay/MS; Fevereiro e Julho de 2000: visitas as famílias Terena residentes nos bairros de Campo Grande; Dezembro de 2000: visita à reserva Água Branca e famílias Terena residentes em Campo Grande. Janeiro, Fevereiro e Julho de 2001: visitas às famílias Terena em Campo Grande.

Taunay (reserva Taunay/Ipegue), e apesar de pequena, a reserva abriga uma população estimada em 3.000 índios.

As casas, não mais dispostas na forma tradicional, são feitas de barro, cobertas por telhados de palha e com os cômodos separados; nelas moram pai, mãe, filhos e filhas solteiras. Perto das residências existem algumas plantações, o que ajuda na alimentação, contudo, elas são insuficientes para o abastecimento familiar, obrigando a freqüentes visitas às mercearias próximas à aldeia para adquirirem os produtos que faltam.

Dentro dos limites da reserva, existe ainda, uma escola, que atende somente até a quarta série do ensino fundamental, um posto de saúde fechado, e duas igrejas, uma católica e uma protestante.

Todos na reserva falam o idioma tradicional, e o português só é utilizado quando falam com alguém da cidade. A partir de suas histórias, dos depoimentos e das nossas observações, tentaremos demonstrar brevemente a situação dos índios nas aldeias.

VIDA EM ALDEIA

A região em que se encontra a reserva Água Branca é rodeada de uma rica vegetação pantaneira, região essa que atrai inúmeros turistas todos os anos.

A rotina deles é simples: acordam sempre muito cedo, aqueles que trabalham nas cidades pegam o ônibus fretado pelo município que passa dentro da reserva, os que ficam ajudam na lavoura e nos serviços domésticos; alguns adolescentes em idade escolar vão para escolas das cidades vizinhas.

Possuem várias dificuldades: falta de espaço e incentivos financeiros para o plantio, falta de um posto de saúde próximo, escolas para os jovens, entre outros.

À primeira vista, as dificuldades e o dia-a-dia desses Terena em nada difere da vida de muitas famílias da região. No entanto, quando escutam suas histórias, observamos a convivência entre eles, bem como o respeito pela palavra do chefe tribal, percebemos que se trata de um grupo específico e diferente das demais famílias mato-grossenses-do-sul.

Da antiga organização cultural, restaram alguns aspectos (bastante sincretizados), e dentre eles podemos citar: as metades Sukirikionó e Xumonó (reativadas nas épocas de festas), o ritual do Oheokoti, (permeado de elementos cristãos), uns poucos Koixomuneti e os caciques (eleitos de quatro em quatro anos).

Reconhecendo as profundas modificações na antiga estrutura tribal, alguns velhos chegam a lamentar. No entanto, as transformações foram inevitáveis, a convivência com a sociedade urbana criou novas situações, e conseqüentemente novas necessidades. Atualmente é difícil encontrar um Terena que não considere importante “estudar fora”, pois o estudo (nos seus diferentes níveis) pode oferecer a oportunidade de uma formação profissional, tão necessária hoje para a subsistência na reserva.

A idéia de que a cidade pode proporcionar melhorias quanto à formação profissional é um consenso, mas quando perguntamos o que acham de morar definitivamente na cidade, muitos consideram extremamente complicado, pois “lá tudo tem que pagar”:

Os patrícios que vão para a cidade, estão na maioria das vezes iludidos com a possibilidade de encontrar melhorias em tudo, só que quando chegam na cidade encontram fome e discriminação...Os índios deveriam permanecer nas aldeias, pois aqui a gente não paga aluguel. (Informação verbal)⁴

⁴ Estevinho, morador de Água Branca.

Porém, apesar de todos esses *custos*, vários Terena transferem-se todos os anos para as cidades do MS, principalmente para a capital, Campo Grande, em busca das melhorias não encontradas nas aldeias, como veremos a seguir:

VIDA NA CIDADE

A maioria dos migrantes, cerca de 770 famílias, distribuem-se pelos bairros de Campo Grande, muitas vivem com baixos salários e enfrentam as mesmas dificuldades e os mesmos problemas de outras comunidades carentes.

Demonstraremos a atual situação dos índios, as causas e conseqüências das migrações para a cidade, através de alguns bairros constituídos por índios Terena. Especificamente, para este artigo, trabalharemos com o bairro Marçal de Souza, pois além de reunir um número expressivo de famílias Terena (cerca de 130), é considerado uma aldeia urbana dentro da cidade.

BAIRRO MARÇAL DE SOUZA

Na madrugada do dia 9 de julho de 1995, cerca de 55 famílias de etnia Terena ocuparam um lote pertencente a FUNAI, um fato inédito no país. Dessas famílias, cerca de 38 já residiam em bairros de Campo Grande.

A maioria das famílias residentes nesse bairro migrou em busca de trabalho assalariado, além de escolas e melhores postos de saúde. Outros ainda disseram que os principais motivos foram o falecimento de pessoas próximas, a busca de creches para as crianças, divórcios, etc.

Os principais trabalhos encontrados pelos homens, tanto na época da ocupação como hoje, ainda são na construção civil. Entre as mulheres as principais funções

desenvolvidas são as de empregadas domésticas e de feirantes.

No início, as casas eram barracos de lona, sem água encanada ou luz elétrica. Atualmente, devido aos esforços e reivindicações da comunidade, foram construídas casa de material com toda a infra-estrutura necessária. Também, foi conquista dessas famílias a construção de uma escola dentro do bairro, de ensino bilíngüe - português-terena -, e a construção de um Centro de Cultura Nativa.

Assim como na aldeia, no bairro também existe uma liderança, no entanto uma liderança feminina, Enir Bezerra.⁵ Junto a ela todos se reúnem e discutem soluções para os problemas e possíveis melhorias para o bairro; participam de reuniões, debates e outros eventos maiores que ocorrem na cidade, sempre levando a causa indígena e colocando-a para a sociedade como algo real. Foram dessas reuniões que surgiram os projetos voltados ao resgate e preservação de aspectos da cultura Terena (danças, artesanato e língua).

Considero importante o ensino da língua, as danças e o artesanato, pois é uma tradição do nosso povo. Houve durante muito tempo um descaso, até mesmo um sentimento de vergonha de ser Terena por alguns, mas hoje procuramos reverter isso, principalmente entre as crianças, pois elas são o futuro da nossa gente. (Informação verbal)⁶

É importante ressaltar que muitos índios Terena, hoje, (não especificamente no bairro em questão) estão buscando uma formação profissional (técnica ou acadêmica), o que tem proporcionado uma melhora nas condições de vida, principalmente diante das primeiras famílias que chegaram na capital do MS. E essa “ascensão” não implica num abandono ou esquecimento da cultura Terena; pelo contrário, temos observado que muitos são aqueles que após

⁵ Atualmente existe outra liderança no bairro.

⁶ Enir Bezerra.

completarem seus estudos na Universidade voltam para as aldeias (definitivamente ou periodicamente), e auxiliam dentro dos limites de suas formações.

Portanto, percebemos que os Terena agrupados e organizados vivem, existem como etnia, isto é, mesmo tendo dificuldades na sociedade urbana, criam situações de uma nova vivência social, oportunidade em que a solidariedade para com o patrício; a preocupação com a formação futura das crianças e a produção cultural, tornam-se elos importantes para a manutenção de uma história em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação de contato com a sociedade nacional resultou para os Terena sucessivas alterações em todas as dimensões de suas vidas, pois além da diminuição de suas terras e segmentações das aldeias, possibilitou também a introdução de novos artefatos, tecnologias, crenças e símbolos. Conseqüentemente, essa introdução da cidade dentro da reserva aos poucos criou no imaginário Terena a possibilidade de inserção nessa nova sociedade, adquirindo bens que passaram a ser essenciais para a subsistência; a partir de então, surgem as migrações para os centros urbanos.

No início da vinda para a cidade os índios Terena não se isolavam em guetos ou bairros indígenas, somente mantinham certas linhas de relações necessárias para a manutenção de uma “história em comum”. Naquela época as pressões e exigências para uma integração eram muito mais fortes, levando muitos, como vimos, a negarem sua própria origem.

O sistema de governo, nas décadas de 1950 e 1960, trabalhava com a política de integração do índio, a gente estava sendo preparado, eu passei por isso, para ser um futuro não-índio. A minha cabeça realmente pensava assim: - Eu vou ser o piloto de uma empresa aérea internacional, estou estudando inglês, francês, quero ter uma chácara

em Cotia, um apartamento no Rio de Janeiro - Minha cabeça era assim. Por quê? Porque na minha cabeça tinha um chip que me conduzia desse jeito, só que o chip indígena não tinha morrido. (TERENA, 2000, p. 38)

No final da década de 1960 e início de 1970, o “clip”(não só Tenetehara, Kaygang entre outros) com a ajuda de movimentos sociais indígenas, cresceu e ganhou espaço. Com as inúmeras organizações que foram surgindo, o índio passou a ser fonte de orgulho:

A partir do final dos anos 60, quando movimentos sociais de afirmação de identidade começaram a eclodir - como no caso dos índios, o pan-indianismo está aí para confirmar - a auto-afirmação da identidade indígena passou a ser uma regra de aceitação absoluta pelo movimento. O índio passou a ser fonte de dignidade e de autovalorização do 'Nós tribal'... O reconhecimento da identidade do indígena como ser coletivo passou a ser mais do que um direito político; passou a ser um imperativo moral. (OLIVEIRA, 2000, p. 18)

Aliados a esses movimentos estão as capacidades de transformação, adaptação e reinvenção cultural das sociedades tribais em meios diversos.

O Bairro Marçal de Souza é um exemplo de como os movimentos sociais, aliados à dinâmica cultural atuam. Demonstra-nos como os índios Terena, organizados e articulados, se adaptam ao território urbano recriando novas formas de uma vivência social e cultural, adaptando elementos antigos e tradicionais à nova realidade espaço-social.

Procuram reelaborar e acentuar características culturais, que mesmo modificadas e transformadas lhes dão unidade como povo: o ensino da língua, a produção de artefatos, a prática de danças em épocas festivas e os agrupamentos em associações e organizações indígenas.

A antropóloga Carneiro da Cunha, ao falar sobre a manifestação da etnicidade em sociedades multiétnicas, diz

que a mesma se vale de certos traços culturais para produzir diferenças, acentuar e contrastar dentro das sociedades em que atua.

As culturas são sistemas interdependentes, determinados e organizados por um todo; usadas como *signos*, em uma realidade pluriétnica, as culturas acabam assumindo novos papéis e significados, sem perderem, contudo, sua essência étnica.

Portanto, as mudanças e alterações de certos traços tradicionais, tanto na aldeia como na cidade, não afetam a vivência de uma cultura Terena, pois a cultura: “não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventando, recomposto, investido de novos significados” (CUNHA, 1986, p. 101).

Desta forma, os índios Terena urbanizados, contrastando com as demais comunidades urbanas, demonstram que possuem sua própria história, e que continuarão produzindo e recriando diferenças, através da dinâmica processual de sua cultura.

REFERÊNCIAS

SILVA, F. A. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3. p.271-390, 1949.

BRANDÃO, C. R. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, S. M. S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. In:____. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

CASTELNAU, F. *Expedições às Regiões Centrais da América do Sul*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1949.

CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, M. C. O futuro da questão indígena. São Paulo: IEA, USP, 1993. (Coleção Documentos, Série História Cultural).

_____. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

FERNANDES, J. R. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações sócio-econômicas e educacionais no êxodo dos índios Terena para Campo Grande/MS*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1997.

MANGOLIM, O. Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: viveremos por mais 500 anos. Campo Grande: CIMI, 1993.

MARTINS, G. R. Breve painel etnohistórico do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Universidade Federal de MS-FNDE, 1992.

OLIVEIRA, R. C. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos índios Terena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. Os (Des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 42, p. , 2000.

SOUZA, L. G. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*, São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

TERENA, M. Entrevista dos 500 Anos. *Revista Caros Amigos*, p. abr. 2000.

ZERRIES, O. *Organização dual e imagem do mundo entre índios brasileiros*. São Paulo: [s.n.], 1963.

OS PERCALÇOS NO DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE ALGUNS CONCEITOS DE NORBERT ELIAS

Alexander Maximilian HILSENBECK FILHO¹

Paulo Moraes TAFFARELLO¹

Jair Romão da MOTTA JÚNIOR¹

Mariana Garcia Granado FERREIRA¹

No grau de cultura em que ainda se acha o gênero humano, a guerra é um meio inevitável para estender a civilização [...]

Immanuel Kant

[...] mais ameaçada se torna a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daqueles capazes de moderar suas paixões.

Norbert Elias

INTRODUÇÃO

Norbert Elias nasceu em Breslau (Prússia), em 1897, e morreu em Amsterdã (Holanda), em 1º de agosto de 1990, com 93 anos. Sua principal obra, *O Processo Civilizador*, foi escrita em 1939, em pleno início da 2ª Guerra Mundial, momento em que o mundo passava por uma grande conturbação social e moral. Porém, apenas nos anos 70 ocorreu um reconhecimento mais amplo de suas obras.

Para esse sociólogo a condição humana é uma lenta e prolongada construção do próprio homem; dessa maneira, temos que articular cada elemento da cultura, mesmo o que nos parece estranho ou absurdo, para podermos entender o

¹ Bolsistas do Programa Especial de Treinamento (PET/SESU/MEC), desde 2001. Profa. Fátima Cabral orientadora do trabalho, tutora e docente do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC/M.

que os homens produzem e como eles vivem. Tal concepção - a sociedade é obra do homem -, elimina a idéia de uma natureza já dada, de uma condição humana oriunda do indivíduo, uma natureza imutável do homem, composta por um fim último. Devido a essa constante construção da história do eu pelo próprio homem, Norbert Elias toma a interdisciplinariedade como procedimento metodológico extremamente relevante ao estudo das humanidades, desferindo severas críticas à apreensão psicológica, sociológica, histórica, como especialidades isoladas, fechadas em si mesmo, impossibilitando, assim, uma abordagem interdisciplinar dos fenômenos. Todavia, o pensamento de Elias não se restringe somente a um seguimento das Ciências Humanas, ao contrário, é utilizado em diversos ramos do conhecimento humano, em geral.²

CIVILIZAÇÃO *VERSUS* CULTURA

Para muitos (tanto no pensamento do senso comum, como também no dos *ilustrados científicos*), ser civilizado é ter higiene pessoal, bons modos, usar a força só quando necessário etc., e, algo que não podemos esquecer, ser onde as pessoas não estejam, na sua vida cotidiana, tão à mercê das oscilações de paixões e sentimentos, e de reviravoltas súbitas da sorte.

Para discutirmos esse processo de civilização, que não ocorre de maneira linear e num único sentido, remeteremos o leitor a uma parte da obra onde Norbert

² O VI Simpósio Internacional Processo Civilizador *História, Educação e Cultura*, realizado de 12 a 14 de novembro de 2001 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, deu mostras da possibilidade interdisciplinar do pensamento eliasiano, abordando desde temas relacionados a questões mais subjetivas como *Casamento por amor ou amor no casamento? Uma breve incursão pela história dos relacionamentos amorosos*, problemas hoje candentes, como *A extensão universitária no jogo da universidade pública*, até temas ligados ao esporte: *O nicho dos esportes radicais: um processo de civilização ou descivilização? Competição precoce em esportes e o pensamento eliasiano*, entre tantos outros.

Elias traça o que ele chama de sociogênese do conceito de civilização (“zivilization”) e o conceito de cultura (“Kultur”) (*Processo Civilizador vol. 1*). Civilização, antes de mais nada, não significa a mesma coisa para as diferentes nações do ocidente. Ingleses e franceses utilizam o termo para expressar o “orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade” (ELIAS, 1994a, v.1. p.24). Já os alemães, empregam o conceito de civilização “compreendendo apenas a aparência externa de seres humanos, a superfície da existência humana” (ELIAS, 1994a, v.1, p.24). A palavra que representa o orgulho dos alemães em relação as suas realizações enquanto nação é *cultura*.

O conceito de civilização se refere à realizações e também ao comportamento das pessoas (ser civilizado requer uma série de práticas, de valores que indicam o grau de civilização do indivíduo) na sociedade, não se importando se realizaram ou não algo. Em *Sociedade de Corte*, Elias demonstra de maneira prática todo um conjunto de valores que regia o antigo regime. A partir da arquitetura das casas dos nobres, bem como de outros fatores, o autor analisa e desvenda toda teia de relações sociais características da sociedade de cortes.

Já no conceito de cultura o valor intrínseco à pessoa é secundário. O conceito estabelece relação com os produtos humanos na sua forma geral, “descrevendo o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa” (ibdem). No conceito de civilização estão implicados fatos políticos, econômicos, morais, sociais, religiosos, ao passo que o conceito de cultura diz respeito basicamente a fatos artísticos, intelectuais e religiosos.

Outra diferença apontada por Elias é a relação do conceito de civilização com processualidade, ou seja, algo que está sempre em movimento, em desenvolvimento, no sentido de “andar para frente”. O conceito de “Kultur” não trabalha com movimento linear; sua gênese remete a produtos

humanos (obras de arte, livros, sistemas religiosos e filosóficos) por meio dos quais a individualidade de um povo se expressa, ou seja, busca relações com o próprio conceito de identidade. O conceito alemão de cultura se preocupa, então, com as diferenças nacionais entre os povos e a identidade particular dos grupos - o que explica o fato do campo de conhecimento antropológico e etnológico ter se interessado tanto por esse conceito -, ao passo que o conceito de civilização minimiza essas diferenças nacionais e busca o que há de comum entre os povos e nações.

Essa diferenciação remete à própria história das nações aqui discutidas. Nos povos da Inglaterra e da França, as fronteiras e a identidade nacional foram estabelecidas a um tempo considerável, e já não se discute sua identidade nacional e o próprio conceito de nação, diferentemente da história alemã, que desenvolveu-se tardiamente como nação, por causa da unificação política demorada e da dificuldade de consolidação das fronteiras, que sempre marcavam fragilidade e ameaçavam dissolver-se da nação.

Sobre esse contexto, o conceito de civilização surge para dar embasamento às tendências expansionistas dos países colonizadores, o conceito de cultura forma-se em um campo adverso; reflete a existência de um povo que busca sua identidade, com um estreito vínculo nas diferenças.

As perguntas 'O que é realmente francês?', 'O que é realmente inglês?' há muito deixaram de ser assunto de discussão dos franceses e ingleses. 'O que é realmente alemão?' reclamou sempre resposta. Uma resposta a essa pergunta - uma entre várias outras - reside no aspecto peculiar do conceito de Kultur. (ELIAS, 1994a, v.1, p.25)

Com o tempo, o conceito de civilização e o conceito de cultura tornaram-se um emprego comum, lançaram raízes, foram utilizados repetidamente para expressar o que as pessoas experimentaram em comum, demonstrando que representam necessidades coletivas de expressão, com o intuito de se cristalizar e ressoar enquanto formação comum.

Assim, uma geração transmite seus conhecimentos a outra e assim por diante, até que em determinado momento não mais existirá a consciência de sua gênese e do processo como um todo. Assim, tais conceitos (civilização e cultura) sobrevivem apenas enquanto tiverem uma função concreta na existência da sociedade.

Depois dessa breve apresentação da construção histórica dos conceitos cultura e civilização, tentaremos mostrar como esses processos - de civilização e de cultura - se concretizaram e se difundiram pela maior parte do globo. O processo civilizador, ver-se-á, está intimamente relacionado com a formação dos Estados-Nação, mas quais os pressupostos para que se realize tal processo, e quais suas consequências para os indivíduos?

O PROCESSO CIVILIZADOR

De acordo com Elias, o processo civilizador acontece:

[...] em todos os casos em que, sob o efeito de pressões competitivas, a divisão de funções torna grande número de pessoas dependentes umas das outras, em todos os casos em que a monopolização da força física permite e impõe uma cooperação menos carregada de emoção, em todos os casos em que se estabelecem funções que exigem constante visão retrospectiva e prospectiva na interpretação das ações e intenções de outras pessoas. O que determina a natureza e grau desses surtos civilizadores é sempre a extensão das interdependências, o nível da divisão de funções e a estrutura interna das próprias funções. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 206-207)

Assim, o que leva as pessoas a se ligarem umas às outras, e assim lhes modelar a personalidade de uma maneira 'civilizada' é (além da monopolização da força física e tributária)³ a divisão social do trabalho e o crescimento de cadeias de interdependência, que direta ou indiretamente integram cada impulso, cada ação dos indivíduos. Conforme

³ Este assunto será tratado mais adiante.

Elias, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção específica, sem ter sido, contudo, o resultado de um planejamento calculado a longo prazo, nem obra de um grupo específico de pessoas.

Mesmo tendo ocorrido sem um planejamento, isto não significa que não ocorreu um tipo específico de ordem, pois as metas e ações de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam com as de outras pessoas em uma progressão contínua, de uma geração à outra (havendo, assim, a necessidade de sincronização da conduta humana). Da interdependência de pessoas emerge uma ordem irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que compõem este tecido social. Desse modo, o tecido social pode ser entendido como o substrato a partir do qual o indivíduo irá desenvolver sua individualidade, porém, tal tecido também dita os limites do indivíduo, dando-lhe menor ou maior raio de ação.

A ordem que segue a civilização, segundo o autor, não é “racional” nem “irracional”, ela é colocada em movimento de uma forma cega e é mantida em movimento graças a dinâmica autônoma da rede de relacionamentos. Graças à combinação entre o processo civilizador e a dinâmica cega dos homens, pode-se tentar extrair da civilização alguma coisa mais “razoável”, que atenda melhor nossas necessidades e objetivos, pelo fato desta combinação levar gradualmente a um campo de ação mais vasto para a intervenção planejada nas estruturas social e individual, graças a um conhecimento cada vez maior da dinâmica não planejada dessas estruturas. Assim, para Elias, mesmo em uma fase de desordem é claramente perceptível uma certa estrutura e padrão no tecido social e em sua mudança histórica, exatamente por estes não serem caóticos.

O processo civilizador não segue, porém, de maneira crescente, pois ele tem seus altos e baixos, suas evoluções e

involuções, que podem ter suas causas na diminuição do monopólio da força física do Estado em decorrência, por exemplo, de transnacionalidades (globalização, mundialização), ou mesmo o próprio monopólio da violência estatal estar sendo utilizado de maneira incivilizada, dentre outros motivos. É quando ocorre uma fragilização da *armadura civilizatória*, porém, o período de descivilização não dura tanto tempo quanto o processo civilizatório. Assim, períodos de descivilização e de civilização vão sempre ocorrendo no decorrer do processo civilizador, mas no fim deve haver sempre uma frequência maior do período civilizatório.

O PROCESSO CIVILIZADOR INDIVIDUAL

O processo civilizador alcança tanto o âmbito individual quanto o social, isto é, seu raio de ação atinge tanto os indivíduos de uma forma isolada como toda a sociedade. Isso porque, para Elias, só pode existir indivíduo em sociedade e sociedade dos indivíduos, já que todo ensinamento e aprendizagem do indivíduo é realizado em sociedade e com o material apreendido de diversas gerações, pois o conhecimento humano em sua universalidade é passado de gerações a gerações como uma cadeia de elos. Do contrário, um homem completamente isolado do mundo ao seu redor e sem nenhum contato com os outros seres humanos, ou ainda com os progressos sociais desde sua infância, permaneceria apenas no seu estado natural. Ocorre, assim, tanto um processo civilizador social quanto um processo civilizador individual, em decorrência das próprias implicações que este processo provocará no interior e exterior do indivíduo, como se este se separasse em uma dupla vida, em um duplo ser: social e individual. E quanto mais alto for o grau de racionalidade, também se exigirão formas mais complexas de socialização.

Ao contrário do que ocorre nas sociedades *primitivas*, nas sociedades *civilizadas*, ou melhor, que estão em *processo*

civilizatório, é necessário uma modelação inteiramente diferente do mecanismo psicológico do indivíduo. Nesses espaços sociais, ocorre a monopolização da força física e tributária pelo Estado, havendo então a criação de espaços sociais pacificados e, conseqüentemente, uma redução do perigo de ataque físico, transformando desta maneira a perda de autocontrole individual no principal perigo enfrentado. Quanto mais complexo e intricado o tecido social, também o aparato sociogênico de autocontrole individual se tornará mais diferenciado, complexo e estável, mantendo uma relação estreita com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade, porque somente com esta estreita relação é que o automatismo pode atingir um grau mais elevado e tornar-se uma *segunda natureza*.

Nessas sociedades, apesar dos espaços sociais pacificados, o medo⁴ e a violência não desaparecem, pois existem outras formas de violência que não as de natureza física, como por exemplo a violência econômica e a repressão dos impulsos emocionais do indivíduo. Ele recebe proteção física, mas realiza um autoflagelo do *eu*, dos seus sentidos e pulsões naturais e imediatas, sendo levado a um autocontrole e a uma submissão dos sentidos e paixões, que necessitam ser passadas pelo crivo da previdência. Dessa forma, o indivíduo é impulsionado a um abrandamento de suas paixões e sentimentos, e levado a controlar incessantemente seus impulsos emocionais momentâneos, tendo em vista os efeitos a longo prazo que seu comportamento possa acarretar.

⁴ O medo (externo ou interno), também tem o seu papel fundamental para a civilização, pois para Elias é de extrema importância para a sociedade poder canalizar as pulsões e emoções dos indivíduos, podendo assim ter um controle do comportamento destes, mesmo que não seja um medo natural. Pois a capacidade de sentir medo ou alegria é natural ao homem, mas o tipo de medo e suas estruturas são criadas pelo próprio homem (como todos os padrões de comportamento das sociedades e dos indivíduos, que são historicamente determinados), pela estrutura da sociedade criada por eles e pelo modo como eles se relacionam com outros homens.

O abrandamento das paixões e sentimentos ocorre desde criança, por vezes em decorrência da conduta e hábitos dos adultos, que acabam por induzir modelos de comportamento nas crianças (mesmo que inconscientemente), e também por instituições da própria civilização, instituições essas que acabam por exercer esse *aprendizado* de autocontrole, como por exemplo, quando na escola se é proibido de ir ao banheiro quando se sente vontade. Desse modo, segundo Elias, nas sociedades civilizadas, tem-se mais controle das paixões e vontades, e se é menos controlado por elas.

Entretanto, a monopolização da violência física nos espaços sociais pacificados geralmente não controla o indivíduo por ameaça direta; ela realiza nele uma pressão previsível, mas de variadas formas, e normalmente opera tendo por meio o autocontrole, que acaba por transformar a conduta do homem a uma regulação estável, desapaixonada e uniforme.

É importante ressaltar que todo processo civilizador individual acarreta traumas e uma série de distúrbios emocionais e comportamentais à pessoa, como o constante sentimento de tédio e solidão, tão característicos da sociedade moderna. Pois todos os impulsos e sentimentos apaixonados que não podem mais manifestar-se de uma forma direta nas relações entre as pessoas mudam de palco, transformando, desta vez, em campo de batalha o próprio indivíduo, provocando uma luta não menos violenta da pessoa consigo mesma. Essa luta nem sempre tem o seu desfecho com um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções; geralmente a pessoa fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações, às vezes irreversíveis. Outras vezes a força, a realização de uma parte de suas inclinações e impulsos, mas de uma forma modificada, através dos sonhos, das fantasias, dos jogos eletrônicos, como espectadora, etc., encontrando nesses possíveis substitutos para uma catarse a extrema erotização, a violência exacerbada, etc.

Extremos de um processo civilizador individual, bem sucedidos ou mal sucedidos, ocorrem em pouquíssimos casos; a maioria das pessoas civilizadas vive um meio termo, com um antagonismo dentro de si, o positivo e o negativo, o bem e o mal: uma parte proíbe e castiga o que a outra parte anseia.

Uma outra forma de controle das pulsões do indivíduo é o medo da perda de prestígio, o medo da vergonha⁵ aos olhos do grupo a que se pertence, ou a quem se atribuiu algum tipo de valor, garantindo as reproduções dos hábitos e das condutas características de determinada sociedade. Esse conflito que é expresso nos sentimentos de vergonha e medo é um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente, e um conflito com uma parte de si mesmo, que se reconhece como *inferior*.

Para Norbert Elias, a racionalização e o avanço dos patamares da vergonha expressam uma diminuição do medo físico em relação a outras pessoas e demonstram uma consolidação do autocontrole. Porém, o homem não se torna um ser sem medos, pois os medos interiores crescem na mesma medida em que diminuem os medos exteriores; os medos de um determinado setor da personalidade assumem o lugar de outros, mudando, assim, realmente, apenas a proporção entre os medos, que têm a sua origem em fatores externos e internos ao indivíduo, e na estrutura que articula a ambos: “O temor de potências externas diminui, sem jamais desaparecer. As ansiedades jamais ausentes, latentes ou reais, provocadas pela tensão entre paixões e funções de controle das paixões, tornam-se relativamente mais fortes, gerais e contínuas” (ELIAS, 1994a,v.2, p.248). Porém, é de suma importância se constatar “[...] o fato de que hoje, como

⁵ Um outro autor que trata sobre o tema da vergonha, mas com um intuito de superação da mesma, é o escritor Roberto Freire, que em seu livro *Ame e dê vexame* propõe que a única maneira de não se rimar amor com dor nas sociedades burguesas, é permitir-se o extremo vexame.

antigamente, todas as formas de ansiedades internas no adulto estão vinculadas ao medo que a criança sentia de outras pessoas, de potências externas” (ELIAS, 1994a, v.2, p. 248). O medo ocupa um papel tão importante na constituição e manutenção da sociedade que Norbert Elias chega a afirmar que uma sociedade só pode sobreviver se houver um controle específico do comportamento dos indivíduos, e este só é possível através do medo (interno ou externo).

Elias entende que um código de maneiras rigoroso não é apenas um instrumento de prestígio, mas também de poder. Na expansão ocidental houve não só a necessidade de terras, mas de pessoas, como trabalhadores e consumidores. Dessa maneira, quando não foi mais possível governar as pessoas exclusivamente pela força, se tornou necessário governá-las parcialmente, por si próprias, mediante a modelação de seu superego.

CONTRASTES DE CLASSES NA SOCIEDADE

Ao longo dos processos civilizadores, segundo Norbert Elias, percebe-se uma tendência para se igualar padrões de vida e de conduta, de modo a nivelar os contrastes da sociedade.⁶ Isso se dá pelo fato de que a dependência recíproca de todos se tornou mais uniformemente equilibrada e qualquer atitude ocasionada todo, forçando as massas favorecidas a levarem em consideração as massas desfavorecidas na rede de interdependência interfere nas demais estruturas como um (que operam por compulsões predominantemente de natureza direta), que por sua vez assimilam o padrão de conduta dos estratos superiores (caracterizados pelo autocontrole). O fato da dependência geral e recíproca de todos se tornar mais uniformemente

⁶ O autor também enxerga nas relações ocidentais com outras partes do mundo os primórdios de uma redução de contrastes, que é característica do processo civilizador.

equilibrada seria, para o autor, um caráter especial do desenvolvimento ocidental.

Assim, uma das conseqüências diretas desta dependência recíproca é o fato de que nas sociedades ocidentais há uma redução dos contrastes entre os estratos mais altos e mais baixos, pois as características das classes mais baixas difundem-se por todas as outras (por exemplo, o trabalho é exercido nas sociedades burguesas por todos - ao menos teoricamente - e não somente por um segmento social, como a plebe), e os costumes peculiares às classes superiores também são difundidos na sociedade como um todo (em parte pela vontade dos estratos inferiores estarem se igualando aos estratos superiores), ocorrendo um certo amálgama no comportamento destes diferentes grupos sociais. Como exemplo dessa problemática, o próprio Elias, em seu livro *Sociedade de Cortes*, coloca o palácio de Versalhes, na época do antigo regime, como exemplo e símbolo de uma sociedade hierarquizada em suas mais diversas manifestações. Durante esse período todas as residências dos nobres franceses, símbolo da posição social de seu proprietário, eram pequenas imitações do próprio palácio de Versalhes, onde ocorriam todas as encenações e representações tão característica da nobreza.

Porém, este movimento de diminuição dos contrastes não segue uma linha reta, existindo contra movimentos e, conseqüentemente, recuos maiores ou menores, nos quais os contrastes tendem a aumentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o processo civilizador leva a um polimento, a uma lapidação da natureza animal no ser humano, fato esse que segundo Elias, está intimamente relacionado com o Estado e o monopólio da força física e tributária, além das conseqüentes criações de espaços sociais

pacificados, forçando uma mudança sociogênica do indivíduo. Este passa a ter como uma das suas premissas uma distinção entre vida social e individual, sempre submetendo ao crivo da previdência suas paixões e sentimentos, mesmo que isso acarrete um trauma e uma duplicidade de vida à pessoa. No espaço público, haveria um certo papel representado, enquanto no espaço privado, que seria o lugar para a retirada desta 'máscara', ocorre a autocoação. Essa tensão, quando não equilibrada, provoca a desregulamentação do processo civilizador.

Daí que os colapsos da civilização (como os genocídios nazistas, stalinistas, etc.) são entendidos, pela ótica da sociologia de Elias, como momentos de descivilização, ou de retrocessos no processo civilizador, quando contatos mais rápidos, freqüentes e amplos entre diversos grupos, acabam por gerar diversos conflitos étnicos. Apesar disso, o autor constata que o crescimento dos meios de violência não estão proporcionalmente congruentes com o crescimento dos atos de violência, pois do contrário já teríamos exterminado praticamente o planeta inteiro, salvo, segundo especialistas, as baratas e similares.

Mesmo assim, nossa sociedade, segundo Elias, ainda não tem como fundamento o equilíbrio social, estando cheia de contradições e desproporções; a forma de superação destes conflitos, segundo o autor, já podem ser percebidas em um movimento bem definido, que pode ser apreendido através dos estudos do passado, para que esses iluminem nosso presente.

Esse movimento está encaminhando a humanidade para um novo lineamento do sistema mundial, que deve emergir da resolução das tensões entre Estados e continentes, pois hoje em dia as relações internacionais estão sendo impulsionadas para a formação de monopólios de força com uma nova ordem de magnitude:

Precusores dessas unidades hegemônicas, como Estados aliados, impérios e ligas de nações certamente já existem [...] E como os membros das unidades menores, cujas lutas lentamente geraram os Estados, nós, também, pouco mais temos que uma idéia vaga da estrutura, organização e instituições das unidades maiores para as quais tendem as ações, saibam-no ou não os atores. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 265)

Ocorre o mesmo nas lutas econômicas, pois temos uma tendência no sentido de:

[...] a propriedade desorganizada dos monopólios, ser reduzida e abolida, e uma mudança nas relações humanas, através da qual o controle das oportunidades cessa gradualmente de ser o privilégio hereditário e privado de uma classe alta tradicional e torna-se uma função sob o controle social e público. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 273)

Desta maneira, para Norbert Elias, a dinâmica da interdependência estaria impelindo os Estados para conflitos e guerras, e conseqüentes formações de monopólios de força física em áreas cada vez maiores da Terra. Caminhar-se-ia, assim, para uma única instituição política central e, conseqüentemente, para Elias, rumo à pacificação do planeta, pois se chegaria ao fim dos conflitos. Somente quando todas essas tensões que se encontram entre e dentro dos Estados chegarem a uma solução é que finalmente o homem poderá tornar-se mais civilizado, pois somente com a eliminação dos conflitos entre os homens é que os conflitos internos no próprio indivíduo poderão se amenizar, possibilitando assim o equilíbrio entre suas necessidades, impulsos e sentimentos, e as limitações impostas por uma vida em sociedade. Para Elias, só assim poderemos nos dizer *civilizados*, pois do contrário poderemos dizer *em andamento*” “[...]quando muito: o processo civilizador está (ELIAS, 1994a, V.2, p. 274).

REFERÊNCIAS

- ELIAS, N. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. v.1-2.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.
- FREIRE, R. *Ame e dê vexame*. São Paulo: Sol e Chuva, 1999.
- WAIZBORT, L. (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP, 1999.

Sobre o Livro

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Classical Gatineau 11

Papel: sulfite 75g/m² (miolo)

Cartão Supremo 250g/m² (capa)

1ª edição: 2003

Impressão e acabamento

GRÁFICA DA FFC/MARÍLIA

(14) 3402-1305

Histórico

Resumo das atividades desenvolvidas

Informações sobre ex-bolsistas

A particularidade do capitalismo brasileiro e os
impasses da questão nacional segundo Nelson Werneck
Sodré e Caio Prado Júnior (1964 a 1968)
Ricardo Rodrigues Alves de Lima

A música dos universitários hoje: o consumo musical
dos alunos da FFC - Unesp - câmpus de Marília
Mariângela Ribeiro Almeida

Sobre a multiplicidade romântica
Alexandro Henrique Paixão

Das aldeias para as cidades: o caso dos Terena
Graziella Reis de Santana

Os percalços no desenvolvimento da civilização:
reflexão sobre alguns conceitos de Norbert Elias
*Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho; Paulo Moraes
Taffarello; Jair Romão da Motta Júnior; Mariana
Garcia Granado Ferreira*

ISBN 85-86738-24-7



9 788586 738241